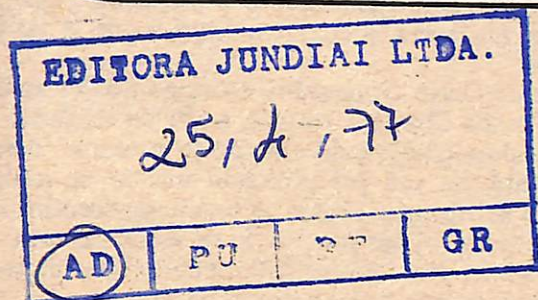


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 25/4 A 1/5 DE 1977 — ANO II — N.º 96 — Cr\$ 2,00

O nosso futebol, pobre e valente. Pág. 11.
A Prefeitura desafinou as bandas. Pág. 16.



ARQUIVAR



QUE SAIAM AS MOÇAS NA JANELA, QUE APAREÇA O LUAR. A SERESTA VOLTOU.

Páginas 8 e 9



O SONHO ACABOU?

A partir do dia 10. de abril, quando o presidente da República esteve diante das câmaras de televisão e dos olhos de milhões de brasileiros para anunciar o receso do Congresso Nacional e as reformas que atenderiam "ao ensino do povo brasileiro", uma nova faixa de opinião passou a existir na multifacetada (e nem sempre esclarecida) consciência brasileira: a das pessoas que sempre votaram confiança na figura do presidente Geisel, pessoalmente, ainda que discordassem de algumas das metas de seu governo, e que, depois do anúncio do receso, sofreram uma espécie de decepção.

Quem eram essas pessoas? Em sua maioria, homens e mulheres de espírito democrático, que se dispuseram a apoiar o movimento de 64 na certeza de que,

através dele, o país encontraria seu destino de grande nação, vale dizer, de nação democraticamente constituída, economicamente forte. Pessoas que chegaram a endossar até mesmo as medidas de exceção anteriormente tomadas pelos outros governos revolucionários, sempre dando seu voto de confiança na luta contra os decantados inimigos do Brasil: a subversão e a corrupção — esta como fator de enfraquecimento do poder oficial e propiciadora do caos econômico — em que se encontrava a coisa pública; aquela como ameaça às liberdades democráticas, das quais o voto livre e direto é a mais alta expressão.

Foram essas pessoas que se decepcionaram com a fala presidencial do dia 10. de abril. São essas pessoas que

se decepcionam a cada reforma política anunciada pelos arautos do poder central.

Se, para essas pessoas, o movimento de 64 trazia em seu bojo um conteúdo teórico capaz de justificar o fortalecimento do poder Executivo (os Atos institucionais), a pressão sobre a classe esdantil sempre sensível aos movimentos sociais (decreto 477) e outras medidas rigorosas (a intervenção nos sindicatos operários, a censura, etc.), as reformas agora propostas não encontram lugar para se acomodarem dentro de suas consciências de democratas.

E aí estão elas, revolucionárias de repente sem bandeira, desfilando sua decepção, como crianças que se levantaram de madrugada e viram o pai se travestindo num Papai Noel que só existia em suas imaginações.

Equipe J 2a.



RATOS E MOSQUITOS

A barra não anda muito limpa pelos arredores da cidade.

Nós estamos de corpo e alma com aquele camarista quando afirmou que "no depósito de Sesi há ratos, mosquitos e outros insetos daninhos à salubridade pública".

Realmente esses insetos, principalmente os roedores, como predadores vorazes promovem sempre grandes prejuízos onde quer que instalem o seu habitat.

Mas, não é só no depósito do Sesi que os cujos se fazem notar com invejável liberdade de destruição. Ali, na avenida Henrique Andrés, entre os n.ºs 198 a 212, comemorando já o seu 28 aniversário (!) situa-se um terreno baldio onde os tais insetos usam e abusam do direito de viver. . . da seara alheia. E como se não bastasse, escarnecem de uma lei achavascada para a qual ninguém dedica a mínima atenção.

Ironicamente, o cujo dito terreno mora bem pertinho da casa onde mora também o prefeito, "malgré-tout" nada tenha uma coisa a ver c'oa outra.

A vizinhança mete a boca no trombone, isso mete. Os mais fogosos desprendem brejeiros sustentados festejando a mãe de todo o mundo, principalmente dos incólumes legisferantes que empós conceberem o papelucho legal voltam-lhe as costas para que fique no esquecimento, não faltando mesmo aqueles que, filosofando balbuciam uns para os outros. . . ora, a lei. . .

E assim, sob a égide desse comodismo, vão os ditos insetos a que se referiu o zeloso camarista de nossa colenda edificação, roendo tudo o que aproveitam da

lixeira. É preciso acabar c'oa pestilência, assevera o tribuno no cenáculo dos camaristas. Promovamos um rati-cídio como seu Ibis soube fazer no apogeu de seu império, contanto que não nos custe tanto dinheiro, evidentemente.

Todavia, deixemos por um instante os terrenos baldios e passemos as vistas pelo centrão, bem no coração desta infelicitada itaoca. Por ali corre ininterruptamente um rego d'água expul-sada pelo mitório da praça. Ali, também, se não se procriam ratos e mosquitos nem por isso deixa-se de cultivar água malsã e sujeiras oriundas do despejo público. Daí se infere a improcedência das imprecizações contra os lotes abandonados e a fauna que os povoa.

Tão logo comece a funcionar um comando de saneamento urbano (tem-se esperanças de que isso aconteça), há que se dar precedência ao fechamento daquele rego que a Gutierrez construiu com tanto carinho e a preço de banana. Depois, sim. Depois pode-se partir para a limpeza e muramento dos quintais abertos e pestilentos. Não acreditamos, porém, que isso aconteça tão cedo. Aquele citado da Henrique Andrés — segundo consta — é idéia de seus donos conservá-lo intocável até que possam anunciar o jubileu de ouro, a fim de que seja tombado e imune ao toque, como tradição histórica. Que são mais 22 anos desta parvonía?

Até lá quem sabe se os insetos anunciados pelo nosso representante legislativo na caminhada do século, já não estejam tão assustadiços para que se possam mostrar sem os riscos de agora. Aguardemos, se tivermos a graça de chegar vivos para ver. V/2.

Assuntos Municipais

NEM TUDO MELHOROU NO S.VICENTE

O Hospital de caridade S. Vicente de Paulo, denominada adequada com que transcedeu o tempo não perpassar dos anos, assinala uma folha de serviços à causa pública que se sobrepõe a quantas cruzadas de benemerência ou assistência à pobreza desvalida possam ter sido encetadas na cidade.

Embora registrando laivos marcantes de um paternalismo tirano na sua trajetória pela influência de interesses pessoais e profissionais de titeres que fizeram dela um nosocômio "fechado", a Santa Casa, como chamava o povo, jamais regateara aos que batiam à sua porta, a cura e o trato a que se faz jus a criatura humana.

Patriarcas como Olavo Guimarães, Rodrigo Soares de Oliveira, Eloi de Miranda Chaves e outros, a par de religiosas de notório espírito de solidariedade e amor ao próximo, deram fulcro ao S.Vicente, na sua predestinada missão de mitigar a dor, a fome e o sofrimento alheio. A bandeira vicentina içada sob o signo da caridade, sempre serviu de estímulo aos mais favorecidos da fortuna para que solícitamente prodigalizassem ao hospital as sobras de sua bolsa e de sua seara.

O tempo, entretanto, na sua faina iconoclasta, entregou o S.Vicente ao sabor de outros critérios — os poderes públicos municipais.

Poucos meses foram suficientes para que se pudesse constatar que o leme hospitalar, nas mãos insensíveis de timoneiros sem tirocínio, já não tinha a mesma segurança para sustentar a nau submersa contra os vendavais financeiros que periodicamente assolam os institutos que vivem do óbulo popular. E assim, balouçando nos vai-vens da sorte, chegou o S.Vicente até nossos dias.

Acometido de uma tísica política durante o governo do Sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz, carcomido no seu organismo econômico por uma plethora de funcionários ociosos e sugadores, o hospital deixou de servir à pobreza com a espontaneidade de outrora, furtando-se assim ao seu fim precípua de ministrar a caridade a cavaleiro de qualquer pretensão argentária. Derrubado, como foi, o governo de ex-prefeito, o hospital, a partir de 1 de fevereiro p.f. vem funcionando sob nova direção. Esse fato deu ensejo a uma radical metamorfose no "modus-vivendi". Novo diretor, novos assessores, novo comportamento hospitalar e burocrático.

Alguma coisa desde logo melhorou no que respeita às generalidades e muito especialmente à moralidade administrativa, antes caótica e libertária. Não obstante, só alguma coisa. Vícios, os mais repudiáveis, ainda são notados no atendimento médico. Não caberia no âmbito estreito deste espaço uma apreciação mais esmerada sobre a costumácia dominante. Todavia, mostremos um exemplo, ainda que por despautério.

Na cauda do ambulatório constata-se extensas e impie-das filas numa inconcebível promiscuidade entre segurados do MPAS, INPS, funcionários municipais e indigentes, todos por igual, mendigando uma posição de atendimento, que via de regra, cessa quando inscritos estejam não mais que um quarto dos pretendentes. Dizem os manipuladores dessas filas que o hospital não dispõe de meios que o habilitem a uma dicotomia mais racional no que pertine ao atendimento. Por complexo como é, não queremos meter a cabeça muito aprofundada no mérito do assunto. Mas, pelo desumano que traz no bojo há que se dizer que merece mais consideração por parte da respectiva administração.

Todavia há fatos vertentes com os quais não podemos concordar. Senão vejamos: Um paciente dirigiu-se ao ambulatório procurando pelo otorrinolaringologista. Entende-se desde logo (em que pese a petulância) que dito paciente seria sempre portador de focos infecciosos que necessitavam ser combatidos. Pois bem. O especialista só atendia às 2.as e 4.as, (era uma 3.a). Na próxima 4a., porém, estaria ausente. Impunha-se, dessarte, uma espera pelo menos até a próxima segunda-feira se tudo corresse bem na semana seguinte. . .

Aqui, encurtamos a conversa para dizer simplesmente que nem tudo melhorou no Hospital de S.Vicente.

Precisamos acabar com as filas, atender com mais pressa e desmisturar segurados, funcionários e mendigos.

Elcio Vargas

NOSSO TELEFONE

434.8648



NOTÍCIAS QUE EU GOSTARIA DE LER

Uma comissão formada por representantes do Partido Conservador e do Partido Trabalhista ingleses, tanto da Câmara dos Comuns, quanto da Câmara dos Lordes, deverá chegar ao Brasil dentro de quinze dias para um estágio com o presidente da Arena, sr. Francelino Pereira, afim de apri-morarem-se em conduta parlamentar.

Um manifesto assinado por representantes da indústria automobilística (Ford e Volkswagen), da indústria farmacêutica (Squibb e Lilly), da indústria de alimentos (Nestlé e Sanbra), das entidades financeiras (New York City Bank e Sudameris), da indústria de cosméticos (Helena Rubinstein e Max Factor), dos fabricantes de cigarros (Souza Cruz e Phillip Morris), da indústria de calçados (Vulcabras e São Paulo Alpargatas), da indústria têxtil (Rhodia e Trevira), da indústria elétrico-eletrônica (General Electric e Sanyo), da indústria de implementos agrícolas (Massey Ferguson e International Harvester), dos derivados de petróleo (Shell e Promax), da indústria da carne (Armour e Swift), das editoras (Abril e Rio Gráfica), da indústria metalúrgica (Krupp e Belgo Mineira), dos filmes (Metro Goldwyn Mayer e Twentieth Century Fox), da indústria de veículos pesados (General Motors e Mercedes Benz), da indústria de equipamentos de telecomunicações Standard Electric e Siemens) foi entregue às autoridades brasileiras, solidarizando-se com a política de não interferência em assuntos internos.

O novo Código Nacional de Trânsito proíbe o uso de toca-fitas no interior de veículos particulares. Para que os passageiros não fiquem privados de som, o CNT autoriza a utilização dos seguintes instrumentos musicais: pandeiro, cavaquinho e tamborim, que poderão ser tocados ao vivo pelos passageiros, exceto o motorista.

Baseado no resultado de pesquisas que demonstram ser maior o rendimento do aluno em curso de idiomas estrangeiros, quando o ensino é acompanhado por música, o Ministério da Educação e Cultura decretou que as escolas de línguas estrangeiras de-

verão ministrar, no intervalo das aulas normais, cursos de cateretê, catira baiao, xaxado, rasqueado, partido alto, batuque, maxixe e samba de breque. Para que os professores se atualizem nessas novas matérias, o MEC dará aulas gratuitas aos sábados, domingos e feriados. Os cursos de extensão para esses professores terão a duração mínima de dois anos.

Tendo em vista a índole cristã do nosso povo, e levando em conta um dado estatístico que prova estar caindo, de ano para ano, o número de vocações sacerdotais, o Estado, em convênio com a Igreja, institui a partir do ano que vem o serviço sacerdotal obrigatório.

Desse modo, todos os jovens dispensados do serviço militar deverão prestar serviço sacerdotal de um ano nos seminários de todo o país.

Fundamentada no princípio de que "O freguês tem sempre razão", elevando em conta que cerca de 60% dos consumidores, ao pedirem um refrigerante, dizem apenas "Uma coca por favor", a Campanha de Defesa do Consumidor está agindo junto à direção da Coca-Cola S.A. para que a empresa, a partir do próximo verão, acrescente 2 miligramas de co-caína em cada garrafa do popular refresco.

Afim de evitar que tramitação de projetos nos Legislativos sofra obstruções inconvenientes, o estatuto do partido oposicionista será reformado, no que tange à votação.

— Os homens da Oposição deverão dizer, ao invés do tradicional "Rejeito" a seguinte frase: "Aprovo, porém muito a contra-gosto".

Os mais radicais poderão, depois do voto, ficar de mal com seus pares.

A Censura Federal retirou do ar, e puniu com suspensão por um ano, o programa "Amaral Neto, o Repórter", alegando que a série trazia informações de conteúdo marxista-leninista, bem como insuflava população à revolta contra as instituições.

Em seu lugar a Globo deverá lançar uma série otimista.

Erazê Martinho

MAS, AFINAL, QUE PAÍS É ESTE?

CARTA AO DEPUTADO FEDERAL
FRANCELINO PEREIRA' PRESIDENTE
NACIONAL DA ARENA

Doutor Francelino:

Já faz tempo que a imprensa vem lhe cobrando uma resposta para aquela pergunta. (O sr. se lembra, é claro. Consultado há alguns meses por repórteres sobre a possibilidade de eleições indiretas nos Estados, o sr. perguntou: "Mas, afinal, que país é este? Não temos uma Constituição"?)

Pois bem. Estou escrevendo para, de minha parte, liberá-lo. O sr. não precisa incomodar-se, porque afinal de contas todas as respostas já foram dadas, e nem existe mistério algum na sua pergunta.

Este é o seu país, não é, dr. Francelino?

Seu, do senador Petrólio Portela, do deputado Zézinho Bonifácio, do senador Eurico Rezende. Mas não é o país das minhas convicções e dos meus sonhos.

Permita que eu me explique melhor, antes de pensar que estou renegando minha pátria. Nada disso. Somos ambos patriotas, dr. Francelino. O sr. no seu e eu no meu país. Então importa que esses dois países tenham o mesmo nome, o mesmo solo e o mesmo povo. Mesmo assim são, na essência, radicalmente diferentes.

Pois um é o Brasil como o sr. quer, e o outro o Brasil como eu quero.

Como patriotas, ambos temos nos esforçado — em maior ou em menor grau, e de maneiras bem diferentes — para conseguir que o Brasil seja o país que queremos.

É por isso que digo, dr. Francelino, que mesmo sendo ambos brasileiros este é o seu país, e não o das minhas convicções e dos meus sonhos.

Seu, porque o sr. não se cansa de elogiá-lo ou justificá-lo. E não meu, porque não posso aceitá-lo. Seria impatriótico, diz-me a consciência. Por isso critico este seu país, assim como certamente o sr. deve criticar o meu.

(Como pode ver, doutor Francelino, pelo menos neste caso é impossível evitar a interferência de um país nos assuntos internos de outro.)

Mas permita que eu prossiga, para tentar mostrar como é tão diferente o Brasil de nossos sonhos.

No meu país, o futebol seria apenas um esporte, uma diversão popular, uma paixão nacional.

No seu país tem sido também uma arma política.

No meu país se daria valor a homens de idéias claras e posições definidas, e sobretudo de coe-

rência a essas idéias. Seria o país de Paulo Brossard, de Daniel Krieger, Teotônio Vilela, Ulysses Guimarães, Aliomar Baleeiro, Adauto Lucio Cardoso, Milton Campos, Tancredo Neves.

No seu pontifica, por exemplo, o senador Petrólio Portela, que em 31 de março de 1964 manifestou sua solidariedade a João Goulart e hoje é um dos políticos de maior confiança do governo.

No meu país haveria três Poderes independentes e harmônicos.

No seu, de fato, só existe um.

No meu país se daria valor ao gesto de um Adauto Lúcio Cardoso, que como presidente da Câmara resistiu ao cerco do Congresso, ordenado pelo Executivo.

No seu, os presidentes da Câmara e do Senado elogiam e justificam o fechamento e a desmoralização das instituições que representam.

No meu país, os candidatos teriam a obrigação de apresentar suas idéias e planos na televisão, no rádio e nos jornais, para que os eleitores pudessem então escolher os que julgassem melhores.

No seu, quem fizer isso terá sua candidatura impugnada.

No meu país os governadores seriam líderes verdadeiros em seus Estados. Assim como os senadores.

No seu há governadores sem votos. E pode haver senadores sem votos.

No meu país o poder supremo seria o da lei.

No seu mudam-se as leis de acordo com as circunstâncias e conveniências.

O meu país seria democrático e liberal. Como os Estados Unidos, a França, a Inglaterra.

No seu andam enchendo a democracia de adjetivos e dizendo que liberalismo é coisa do passado.

E assim prosseguiríamos por muito tempo, doutor Francelino, se fôssemos alinhar todas as diferenças. Mas seria cansativo e desnecessário. Fiquemos por aqui, cada um na sua, como dizem os mais jovens. O sr. defende o seu país, eu o meu.

Que o Brasil possa escolher, livremente, qual dos dois deseja ser.

Saudações deste cidadão e eleitor de 30 anos de idade que, neste seu país, nunca pôde ter a honra e o privilégio de votar para escolher um governador ou um presidente da República.

Jundiá, 25 de abril de 1977



PALAVRAS

"Ser mãe é como curtir som. Um barato".(Rita Lee)

"Foi com estoicismo que o Jornal de 2a. lutou durante seus primeiros dois anos de existência, quando teve uma cruz para carregar. Agora, entretanto, parece que sobreviver é coisa já difícil para o hebdomadário que de repente deu uma guinada de 180 graus em seus conceitos e passou a conviver na situação".(Jornal de J undiaí, 10/4, seção "N.R.")

"Ouve-se dizer que há um conjunto de rock tocando música diferente nas páginas de um diário citadino, conhecido pelo seu apego à lei da procura e da oferta. Chamar-se-ia, salvo engano, Los Muchachos Del Cuerpo Editorial e seria composto por intrépidos rapazes que carregam o estigma das idéias anti-conformistas. Em seu correto cedido em caráter precário pelo proprietário da praça, executam um concerto diário de peças amenas de seu repertório. Geralmente, preferem o moderato cantabile ou o andantino, porque, ao que se diz, o locador do coreto não é muito dado a estridências, e não lhe custaria, num rompante de ira, desalojar os músicos de seu palco, rasgar as partituras em mil pedaços e, com perdão da má palvra, desmanchar a orquestra a golpes de ponta-pé no traseiro".(Sandro Vaia, Jornal de 2a., semana de 18/24.4)

"A mulher brasileira, de certa forma, procura no casamento uma aposentadoria ;por isso, não acreditavam que eu, como mulher, tivesse capacidade de desempenhar um cargo desses. Eu fui acumulando cargos, e hoje ninguém mais discute minha competência".(Diná Wrobel, diretora executiva da Cicatrade, revista "Mercado", março de 77)

"Acredito na realidade de cada dia. E não olho para trás".(Bidu Sayão, cantora de ópera)

"O sonho de todo homem de circo do passado é uma escola de arte circense. Só ela pode ajudar a reviver os circos nacionais. Hoje não existe mais ninguém da velha geração fazendo circo no Brasil. Sem uma escola de arte circense não existem bons artistas, sem bons artistas não há espetáculo e sem bom espetáculo não se tem público".(Valdemar Seyssel, o Arrelia)

"Julgamento de aborto é muito raro, em cada dez mil talvez um chegue a ser julgado e, quando isso acontece, é só com gente pobre, porque o rico vai à clínica onde há grande sigilo. E quase sempre as acusadas são condenadas". (Paulo Heber de Moraes, promotor público de Campinas, revista "Isto É", 6/4/77)

"Chego à triste conclusão de que não poderia fazer muita coisa mais Tudo mudou para pior, e acho que está na hora de passar o bastão para outro. A tarefa é por demais inglória".(Coronel Erasmo Dias, secretário da Segurança Pública, Jornal da Tarde, 14/4)

"Estamos jogando um futebol lento, quadrado sem criatividade e objetividade. E falta um ano para a Copa do Mundo".(Sérgio Noronha, "O Globo", 15/4)



"Baobá" é um samba de Jorge Ben, o pequeno príncipe da MPB.

Morse foi um cavalo inglês que se comunicava dando pancadas com o casco no chão.

Bandoneón é um grupo terrorista argentino que sequestra donos de cabarés.

Esfinge é uma doença de pele difícil de ser diagnosticada.

Coqueluche foi um almirante francês que morreu tossindo

Resina é uma vaquinha extraída de vacas maiores.

"Gloria In Excelsis Deo" era a máquina de som daquele tempo.

Presbítero é uma espécie de votação entre padres.

Variant foi um príncipe alemão, autor da célebre frase:"O cavalo é do povo".

Carneiro Leão é uma das celebridades mais contraditórias da nossa história.

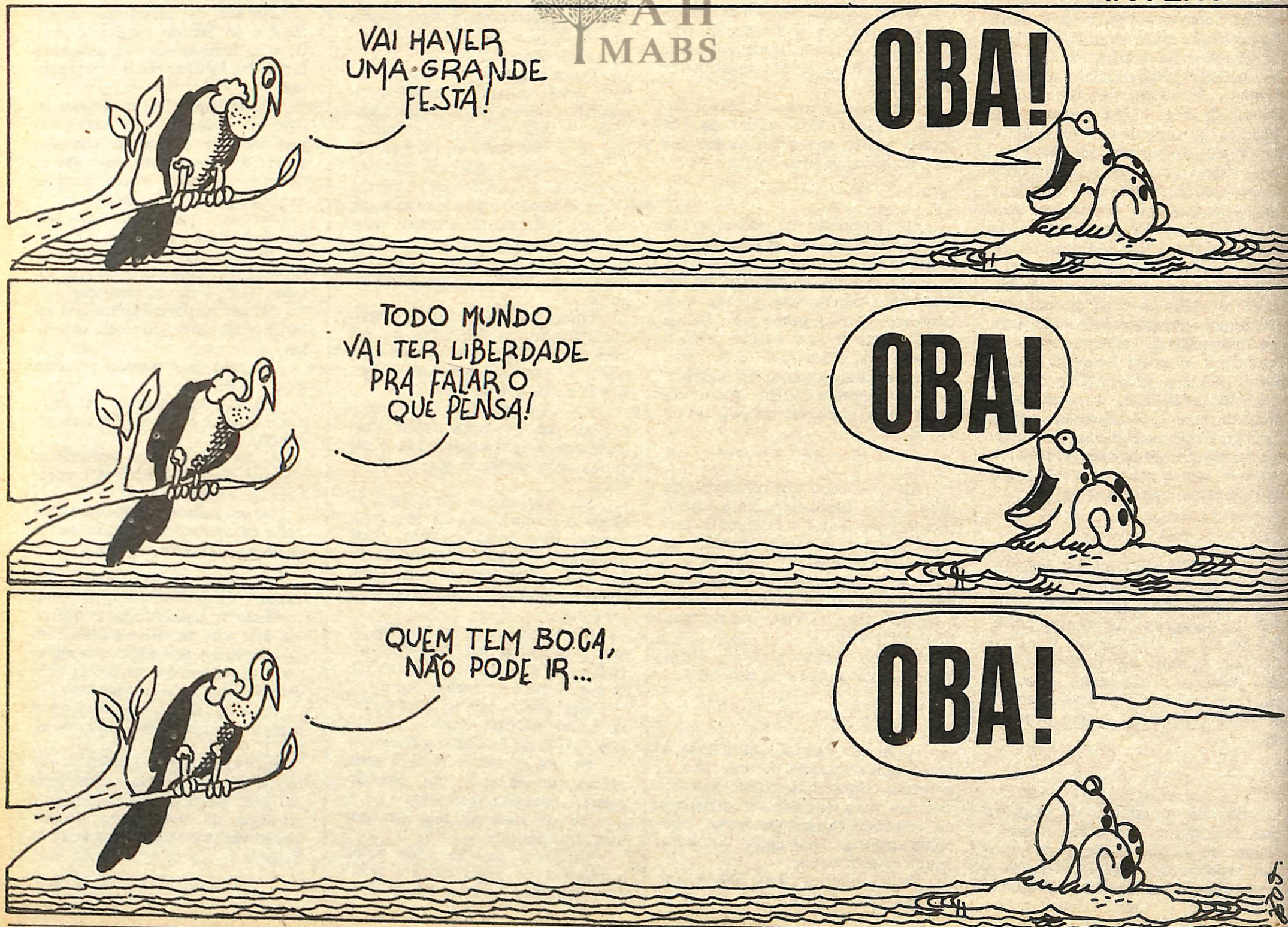
Tarimba é um instrumento musical que exige muita prática.

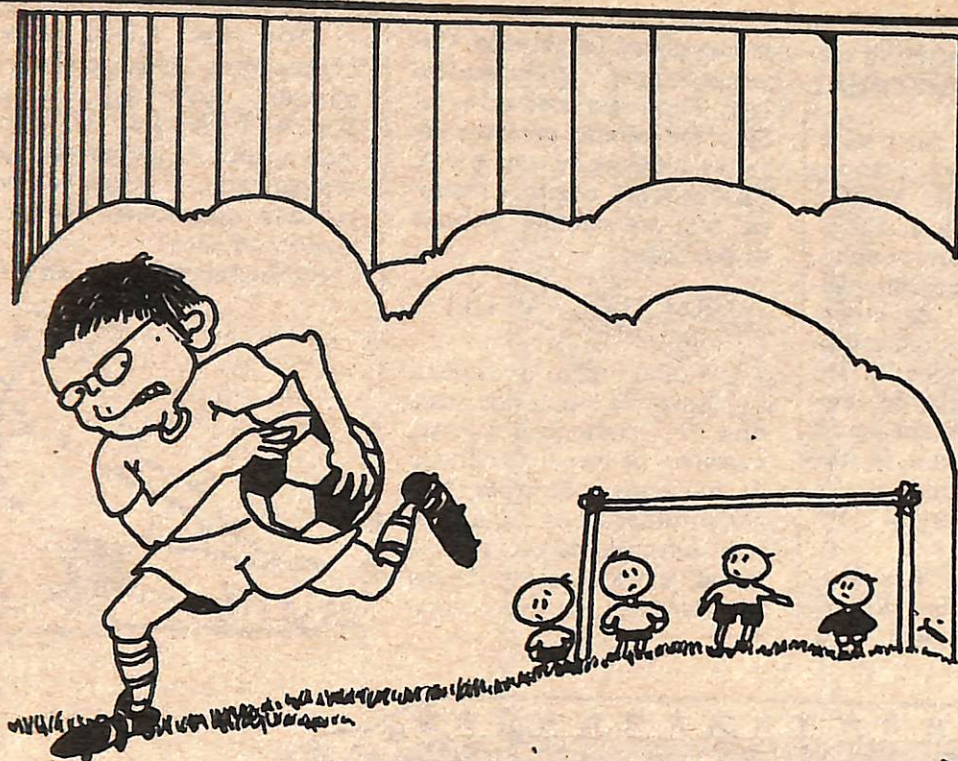
Chibata foi um ditador japonês que proibiu a luta-livre em seu país.

Pepino, o Breve, foi devorado por selvagens vegetarianos.

Zarteu

INTERVALO





BOLA AO CENTRO

“Quand on n'a pas ce quel 'on aime/
Il faut aimer ce que l'on a”.
(Corneille)

Como meninos que juntassem no terreno baldio todas as tardes, depois da escola, e como faziam todas as tardes, tirassem o “toss” para escolher os companheiros.

Como quem comandasse a hora suprema de tirar o “toss” fossem de um lado o Neco, o habilidoso, o bom de bola, o que comandava o time dentro de campo, escalava, mexia no time, fazia os gols e batia o tiro de meta; e de outro, Nenê, o dono da bola, aquele a quem se devia, todas as tardes, a graça da pelada, o filho privilegiado do electricista que tinha dinheiro prá comprar a bola de capotão para o guri.

Como que fossem, igual a todas as tardes, os dois soberanos do terreno baldio, um pelas virtudes inatas, o talento fornecido pela Divina Providência, a picardia e a malícia no trato com a bola, e o outro, pequeno soberaninho de sua riqueza, do salário do pai, do poder de ostentar o cetro máximo da disputa, a única autoridade irrevogável do bando de moleques, porque fundada no direito sagrado da posse do objeto supremo da pelada: a bola.

A disputa era diária, exaustiva e fatigante.

Como que Neco, o talentoso, atribuindo-se o direito de selecionar entre aqueles meninos magros, gordos, ricos, pobres, altos, baixos, pretos, brancos, os que tinham mais familiaridade com a bola, os que tratassem com mais carinho, os que soubessem dispensar ao astro máximo do espetáculo, o tratamento mais elegante. Neco como que querendo comandar a seleção da rua para formar o melhor time do bairro, e depois o melhor time entre todos os times de todos os bairros.

Como que Nenê, o dono da bola, usando de seu supremo poder esférico querendo ter a seleção para si,

como que também querendo comandar a seleção da rua para formar o melhor time do bairro, e depois o melhor time entre todos de todos os bairros.

Como que a torcida dos meninos, que se dividia: de um lado os que invocavam o direito natural de seleção das espécies, aceitavam a liderança do craque, e reverenciavam em Neco a cabeça certa, a firula elegante, o passe de calcanhar, o chute forte de direita, a visão de jogo, a catimba na hora certa — a liderança construída em campo, jogada após jogada, gol após gol; do outro lado, os que ambicionavam as benesses que o bando contrário obtinha em forma de retumbantes goleadas e jogadas bem concatenadas, mas infelizmente — apesar de seus esforços, de seus treinos, de seu preparo físico aprimorado dia após dia nas competições de unha na mula, nas corridas em volta do quarteirão, na travessia das lagoas a nado — formando um time de pouca produtividade dentro da cancha, de resultados sofríveis, empates conseguidos a duras penas, vitórias escassas.

Como naqueles consensos obtidos em algumas pálidas tardes, quando a turma do Neco, o talentoso, se reunia e decidia, depois de secretos conluíus, entregar o jogo para o time contrário, para evitar que Nenê, enfadado, resolvesse mudar de brinquedo, encostar a bola de capotão e ir brincar, por exemplo, com seus caros e exclusivos jogos de armar.

Como naquela tarde em que houve uma birra qualquer na hora do “toss” e Neco escolheu que seu time deveria atacar para o lado do quintal de dona Nemésia, e Nenê, muito irritado, pegou a bola, guardou-a solenemente debaixo do braço e se retirou dizendo “então hoje não tem jogo” e não teve mesmo.

Como então a turma do Neco fez e continuou em campo, fingindo que jogava, e não fazia mal que não tivessem bola.

Sandro Vaia

ASSINE O JORNAL DE 2ª

I
A semana que passou foi de intensa movimentação entre os meios policiais da Capital. Não só porque houve um grande remanejamento da Polícia Civil (dos 50 delegados titulares da Capital, somente 14 permaneceram em seus postos), como a transferência de postos que afetaram 10 coronéis da Polícia Militar.

De fato, preocupado com os índices de criminalidade, que sofreram um sensível aumento de janeiro para cá, o coronel Erasmo Dias decidiu conversar longamente com o delegado-geral de Polícia, Tácito Pinheiro Machado, e o comandante-geral da Polícia Militar, coronel Francisco Batista Torres de Melo.

Depois dessa reunião, o coronel Erasmo realizou mais duas, ambas na sexta-feira da semana passada: uma no QG da Polícia Militar, outra no Palácio da Polícia Civil.

II

De certa forma, as preocupações do secretário da Segurança coincidiram com as preocupações do secretário da Justiça, professor Manoel Pedro Pimentel. O primeiro deixou claras suas preocupações em termos de uma Polícia operacional: entendendo que as coisas não poderiam continuar como estavam, não hesitou em mudar alguns homens das Polícias Civil e Militar. O professor Pimentel já manifestara sua preocupação, bastante tempo antes, com os atuais índices de criminalidade na Capital.

Convencido de que prender apenas não resolve, o professor Pimentel chegou a sugerir a colaboração da comunidade. Isto é: assim como em determinadas cidades ou municípios a comunidade colabora com construção de escolas, hospitais, pronto-socorros, etc., o secretário da Justiça acha que a comunidade deveria colaborar, da mesma forma, na prevenção do crime.

Em suma, crime e criminologia são questões cada vez mais complexas, e que precisam ser enfocadas com interesse cada vez maior. Afinal, é ponto pacífico que quando o crime aumenta, alguma coisa está errada. O que está acontecendo? É o que o coronel Erasmo Dias tem perguntado com insistência.

Aí, obviamente, teremos que percorrer os caminhos dos crimes e estudar causas e fatores. A bem da verdade, não se deve pretender que a Polícia faça essas pesquisas. Afinal, Polícia existe para reprimir o crime. Prevenir, não é sua tarefa. Talvez seja trabalho para todos nós.

Em termos de São Paulo, entretanto, o problema criminal afeta a Grande São Paulo. No interior, pode-se dizer, sem medo de errar, que não existem motivos para preocupações.

III

Agradeço a alguns membros do Ministério Público que ofertaram a sua Associação de Classe para uma noite de autógrafos de A Prisão para o meio forense. Agradeço, particularmente, aos ilustres promotores públicos Djalma Lúcio Gabriel Barreto e Luzia Galvão.

IV

As primeiras apurações das matanças do esquadrão da morte na baixada fluminense apenas confirmaram aquilo que estamos denunciando há muito tempo: não se trata de um grupo de vestais pretendendo eliminar o crime através de uma discutível forma de profilaxia social, mas sim de um bando — sociedades sceleris — que agrupa corruptos para auferir lucros ilícitos.

Então perguntamos: quem é mais perigoso? O elemento fuzilado com muitos tiros ou o autor dos disparos?

Não se trata, aqui, de discutir posições favoráveis ou contrárias à pena de morte. A adoção da pena capital — coisa completamente diferente — é decidida com base em julgamentos, etc. Mas, repito, não se trata disso, pois com relação às matanças por questões particulares, os assassinos chegam a apresentar uma periculosidade bem maior do que aqueles classificados como “marginais”. Enfim, depois de uma terrível inércia, a Polícia do Rio começava a se movimentar — e isso para o bem da sua própria instituição.

V

Agradeço — como não deixar de? — as elogiosas referências de Otto Lara Resende ao meu modesto trabalho “A Prisão”, publicadas em “O Globo” da semana passada.

VI

Publiquei o fato, vamos à sequência: os espancadores do corintiano que assistia ao jogo Coríntias e Internacional foram identificados como sendo os componentes da viatura da ROTA de número 104. Assim, quatro policiais militares foram indiciados em inquérito por abuso de poder e lesões corporais, através da Seccional Oeste de Polícia.

VII

Com relação às especulações na área da Segurança Pública, apenas um esclarecimento: o coronel Erasmo Dias, apesar de descontente com o aumento dos índices criminais, não pensa — em absoluto — em abandonar o cargo. Como ele me assegurou “não vou entregar o bastão”.

Percival de Souza

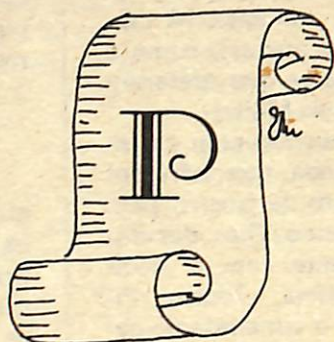
ASSINE
O JORNAL DE 2ª
disque: 434-8648



ZONA FRANCA

PAPEL E SIMILARES

"Por acaso, veio às minhas mãos um exemplar do Jornal de 2a. Feira em que um leitor manifesta sua alegria pela vitória do Paulista sobre o Marília. Minha intenção é explicar o seguinte: Não tenho nada a ver com aquela carta, embora considere o Paulista um time simpático (torço, porém, pelo América do Rio Preto). Trata-se de uma coincidência de nomes, que me apressso a esclarecer antes que algum torcedor americano mais afoito pense em tirar satisfações de minha pessoa: meu sobrenome tem um "pê" a menos que o do referido cidadão. Atenciosamente e esportivamente", **Guilherme Papel, R. Preto.**



LOS MUCHACHOS DEL CUERPO EDITORIAL

"Gostaria de saber uma informação referente à excelente coluna do sr. Sandro Vaia (Jornal de 2a. n.o 95). Ele falou sobre um conjunto chamado "Muchachos del Curpo Editorial" e, como sou meio chegado à um sonzinho, gostaria de saber o seguinte: esse grupo é de Jundiá ou de fora? Já tem algum LP gravado? Em caso de resposta afirmativa, onde posso encontrar o referido LP? **Sílvio Lee**

Não, **Silvíão**, "Los Muchachos Del Cuerpo Editorial", segundo consta, não

tem nenhum LP gravado. Como o Sandro diz em sua coluna, eles usam um coreto cedido em caráter precário pelo proprietário de uma praça. Dizem que o coreto é luxuoso tem até circuito fechado de televisão.

GRAÇA ALCANÇADA

"Como velho motorista acostumado a passar por nossas ruas e, consequentemente, sentindo de perto do drama de inúmeros munícipes, tive a oportunidade de ler, dias atrás, uma publicação nesse jornal, sobre o estado da rua São Benedito, na Vila Alvorada.

Pois bem, saibam os senhores que, ainda no dia 11 passado, estive ali e notei que a Prefeitura está providenciando o melhoramento reivindicado. Aleluia! Boa vontade dos nossos administradores é isso."

Horácio Simone Santana



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. **Oferta Ribeiro**

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

JARDIM ANA MARIA - nova moderna, com 3 dormitórios, todos com armário, lavabo, 2 banheiros completos com armários, sala com armário, Hall com armário, sala íntima, jardim de inverno, 1 escritório, copa cozinha com armário, área de serviço, dependência para empregadas, garagem fechada para 2 carros, jardim, quintal e piscina para crianças. Terreno 16x31. Cr\$ 2.000.000,00. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasão - fina residência estilo suíço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependência para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12 x 25.

Cr\$ 1.300.000,00. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

ANHANGABAÚ - Residência nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependência para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr\$ 1.200.000,00. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

Malota - Casa - Contendo 4 quartos, 1 suite, 3 banheiros, sal, c/ 83 m2. local p/ piscina, despensa, garagem para 8 autos, terraço em toda a volta, 2 apartamentos para empregada. Área de 5.000 m2. Ótima oportunidade, faltando somente o acabamento. Preço: Cr\$... 1.700.000,00 à prazo. **Oferta Advocacia Predial**

Estrada de Itu - Chácara - Com fina sede, com 2 aptos. armários embutidos, copa-cozinha, banheiro, garagem, sala, barração, área p/ piscina, cercada, campo de futebol, grande pomar formado, luz e telefone. Preço excelente p/ venda urgente.

Oferta Advocacia Predial

Rua da Padroeira - Casa - Com 1 quarto, grande sala em "L", copa-cozinha, banheiro completo, abrigo para auto. Preço: Cr\$ 300.000,00 com facilidades. Pode ser financiada. **Oferta Advocacia Predial**

Jardim Cica - Casa - Na parte alta do bairro, com 2 quartos, sala, copa-cozinha, banheiro, entrada para vários autos, lindo jardim, etc. Preço: Cr\$ 450.000,00. Pode ser financiada.

Oferta Advocacia Predial

Parque do Colégio - Casa - Com 3 quartos, sendo 1 tipo apto. todos com armários embutidos, grande sala em "L", copa-cozinha toda azulejada, salão de festas, garagem p/ 3 autos, fachada toda de pedra, fino acabamento. Preço até o fim deste mês Cr\$ 1.200.000,00; aceita terreno de menor valor como parte do pagamento. **Oferta Advocacia Predial**

SÍTIOS E CHÁCARAS

BAIRRO DO JACARÉ - com 6 alqueires, distante do asfalto 1 km., luz, todo cercado, casa, tanque com peixes, córrego, 4.500 pés de pomar, 2 poços, aceita-se imóvel em Jundiá como parte de entrada. Cr\$ 2.000.000,00 - facilitado. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

PRÓXIMO A VIA NORTE - mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.

Próximo a várias propriedades. Cr\$ 15,00 o m2. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

CAXAMBU - com 1 alqueire, 400 m do asfalto, casa sede nova, casa para caseiro, 2 poços com bomba, luz,

grande pomar produzindo, 2 bosques um de mato, outro de bambus. plantação de verduras e legumes, córrego e tanque, e todo cercado. Cr\$ 2.000.000,00. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suite, vestíbulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete,

dependência para empregada. Cr\$ 1.800.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Nova Era - Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA

R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317

RIBEIRO IMÓVEIS

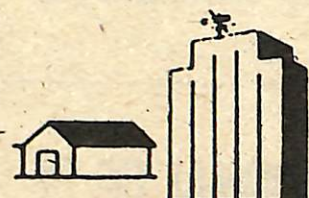
administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL

ALUGA - VENDE - AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS.
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.

ROQUE SANTEIRO



Era numa daquelas manhãs claras em que a vila, o casario alvejando ao sol, se preparava espreguicenta pra mais uma jornada de trabalho pachorrento.

A lembrança desse dia ponho no coração do Faustão aquele amargo de saudade funda, e aquela engulida enosando um pescoço taurino. Afinou o cuspo com um golpe de branquinha e losna. ... bão pro estamo (pensou).

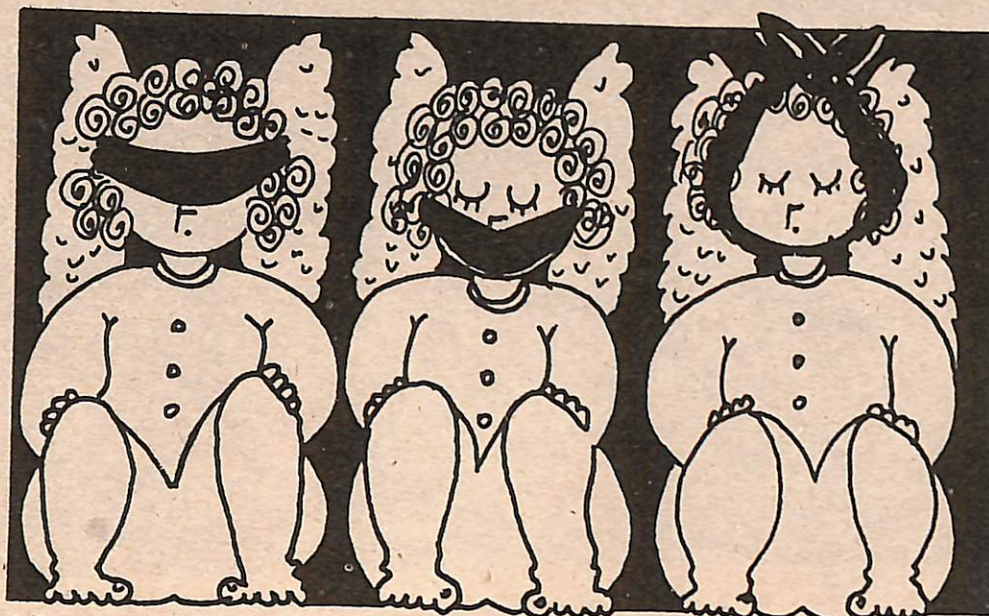
Naquela manhã (alembra bem) o Roque Santeiro, tendo enfiado no forno os tabuleiros de santos-de-barro — fazia sempre um mundão deles, era um não se acabar de são joões o carneirinho no colo, são sebastiões ensinados e sangrando no palanque, nossa senhorinhas miudicas ansim, nossas senhoras parecidas, bão jesuses coroa d'espino e mãos atadas à frente, são lázaros cachorrinho ao lado, bunitiza mesmo era vê os são jorges o cavalo branco e a lança na mão, branco não que no forno os santinhos'inda não tavam pintados, os são pedros então barbona mais linda, o molho de chaves na mão? lá tava o nho Roque cismandô. E de vez em quando uma ou outra imagem — ploc, ploc — estourava por morde a labareda muito forte, o fogo muito quente.

E o Roque enfezado resmungava:

— Repenta, canaiada.

Falei do cavalo branco de São Jorge? Pois falei; branco não, que a pintura vinha depois de tirar o forno, o fogo já amornado.

A criança — eram uns oito entre piás e mulecas — a Tônia, já grandota, o busto já quereno furar a blusa, a Mê, Melvina de nome, mulatinha clara dengosa como que, Mazé, Maria José, que Mazé



era apelido, branquinha de virá e rompê, Nena, de nome Helena, feia como o coisa ruim, a gostosura da Nêga, nem sei o nome dela, coisa mais xispeteo? De piá tinha o Mateus (primeiro eu depois os meus e depois os teus — sempre o mesmo brinquedo), magriça, alto de oito palmos, mãos compridas, dedos finos; Justino e Roquinho, filho do Roque, todos eles na pintura dos santinhos prontos. Fazedores de santo só mesmo a Tônia, a Mê e Mateus. E o Roque. O resto só sabia pintar. E brincar. E deboche, muito.

— Ocê aí Mê, qué dá uma pintada neste virge?

— Vai dá pintada co quê — era a Tônia s'intrometendo s'ela num tem pincê?

E a risaiada rompia gostosa no eito da cabocladinha esperta e maliciosa.

Modelar santo de barro, só uns poucos. A Tônia era bichareda nos anjos e são sebastiões. A Mê era fazedora de nossas senhorinhas, senhora-parecidas e santanas! E Mateus. Já contei do Mateus? Pois tome: Mateus, magriça, destemperado, artura tão grande de oito palmo,

dedos compridos como quê, modelava de tudo. C'os dedos e c'o buri, um instrumento assim piquitito. Fazia qualquer santo, fazia de tudo. Falar, só c'o Faustão; se ralava de gosto de ver o Faustão trinando sua flauta, gostava de música que se babava. Só então desatava a língua. Tentou tocar flauta; mas qual, nem um pio. Tentou o violão; que nada, nem uma posição. Tentou o cavaquinho; chééé! Cavaqueou até desistir. Mas, meu Deus, o qu'era aquela música qu'ele tinha na cabeça, amolação tão grande, não saía, e que emoção er'aquela, virge?

— Faustão, me diga, o que qu'ê isto?

— Música uê. Ocê vai prendê...

Quando modelava santos, acontecia aparecer — não sempre — aquela música na cabeça. Vinha vindo, malucando, os dedos iam modelando, ele na tripeça, o barro sovado na sua frente, o buri, garrava o cismar, o qu'era aquilo cantando nos seus zovidos, e no coração, e nas mãos febris, o buri, o barro tão depressa ganhando jeito, o suor suando no pesco-

ço, e daqui'impoco pronto! a estatuinha tava pronta, um homem nu, os braços e o rosto ameaçando o céu, cara mais ferrabraz nunca se tinha visto, o peito colosso de musculoso, a cintura fina, os pelos, as pernas possantes e no entre-as-coxas tudo bem feitinho e explicadinho, nada faltava, tav'ali tudo.

E o velho Roque entre admirado e receoso:

— Que diabo de santo é esse?

— Sant'Adão, se mecê quize...

Noutro dia outra vez a febre criadora, aquela música ainda, atordoante, não saía na viola nem no violão, tinha que vim ali nas suas mãos, desespero tão grande...

— Om'esse home! Que qu'ê essa muiê pelada? Onte o sant'Adão, agora será a sant'Eva?

Aquela cabeça da sant'Eva não era, por acaso, a da Mê, beleza mais disfarçada? E o busto, tinindo de bom, não seria os da Tônia, coisa mais sengraceira de vê? E a beleza das ancas, não era as de Mazé?

Doutra feita sua música deu num anjo, anjão mais raçudo não tinha, o corpo bem feito, músculos, asas, beleza!

O Roque olhou bem...

— Escut'aquí ô. Anjo tem essa coisa de anjo home e anjo muiê? Tem anjo e anja?

— Num sei. O meu é macho. Tuda vida!

E era mesmo; ali no entre-as-pernas tava os documentos e que documento!

A santaiaida ia pra festa em Pirapora. Tinha gente que vinha e escolhia só dos do Mateus. Vinha direitinho, parece até que conheciam. E os do Mateus sempre eram mirrêis mais caros.

Um dia — música mais ardidada, não me larga? — fez um São Jorge. O cavalo, coisa mais linda, pé-diante pé-atrás, tav'ali outra vez a macheza, o São Jorge lança pronta, o dragão, sete cabeças, sete rabos, fera tão medonha... Quando saiu do forno — Mateus não estava — a Mê, encantada, foi pintar o tal e pra quê! O Mateus quando viu ardeu-se.

— Num era pra pintá nada! Quem que mandô?

— Ara já se viu dexá santo tão lindo sem pintá...

Quis quebrar o santo, ela não deixou.

— Puis vô fazê ôtro!

Às vezes, quando me lembro do nosso políticos me vem à cabeça os anjos do Mateus. Anjos? Sim senhor. Quando falam de suas tribunas, amerdosados de medo — pois sim, tudo faremos, pois não, meu senhor — são todos uns anjos de tão bonzinhos. Anjos? Pois sim; mas ali no entre-as-pernas são que nem fundo de garrafa. Macho? Nem unzinho assim, nem prá fazê um chá! Nem pra remédio...

O Bartimeu



BARÃO, 876-FUNDOS

O companheiro Sérgio Henrique, jornalista da terra e que atualmente trabalha em São Paulo, foi a testemunha da história que se segue. Ele não deixou por menos tascou quarenta linhas do episódio, observado na Prefeitura. Manda lá, Sérgio:

Os dois amigos chegaram até a porta da frente da Prefeitura, perguntaram onde ficava o gabinete do prefeito e subiram a escada devagar, traçando algumas idéias. Na sala de um dos assessores de Pedro Fávaro explicaram confiantes, o motivo da visita: queriam que permitissem a construção de um barraco num terreno da Prefeitura existente no Jardim Tamoio.

O assessor do prefeito

sorriu e disse que "infelizmente, isso não seria possível, pois era contra a lei, a Prefeitura não tinha meios de dar essa permissão".

Florípio Mauro, um gaúcho aposentado de 65 anos de idade não se conformou com o que ouviu. Apesar do seu modo simples de falar, aquilo seria um privilégio odioso.

"Se outros tiveram permissão, porque eu não?", perguntava batendo com a mão sobre a mesa. Ao seu lado, impassível, o amigo Joaquim Faustino Coelho, que teve permissão verbal para construir seu barraco na favela do Jardim Tamoio há uns dois anos, apenas ouvia tudo com atenção.

Já desesperado, diante

das seguidas negativas do assessor, Florípio contou uma parte de sua triste história: ele veio há um ano de Porto Alegre e foi morar na Vila Esperança, um bairro pobre da cidade. Meses atrás, comprou um terreno de 4x3 metros na favela, de um tal de João Mineiro, por quinhentos cruzeiros. "O senhor sabe o que significa esse dinheiro para mim? Eu ganho 750 cruzeiros por mês como aposentado e ainda tenho uma criança doente para tratar".

O assessor não pareceu se comover com o que ouviu e falou dos planos do novo prefeito de construir muitas casas populares para servir a população mais carente da cidade e que não tem condi-

ção de pagar os altos aluguéis que estão sendo cobrados atualmente, até mesmo por um barraco na periferia.

Os olhos de Florípio e de Joaquim Faustino brilharam quando ouviram falar da construção de casas para o povo humilde.

"Olha moço — disse Joaquim — quando começarem a vender eu quero comprar. Marca meu nome aí em qualquer lugar, sou o primeiro candidato".

E tão confiantes como chegaram, os dois amigos saíram. Sem explicar como farão para morar até que a Prefeitura efetivamente construa essas casas populares. Na sala, o assessor estava preocupado: Joaquim e Florípio eram

apenas mais duas entre muitas pessoas humildes que procuram a Prefeitura todos os dias, desde janeiro, querendo permissão verbal para construir barracos na periferia. "Sentimos pena — explicou o assessor mas essa absurda permissão é fato do passado. Coisas desse tipo não permitiremos mais". (SH)

O coordenador das Unidades de Serviço da Prefeitura, dr. Hélio Arthur Bacha, está satisfeito porque os programas da Secretaria da Saúde do Estado já funcionam nas unidades extra-oficiais. Será assinado um convênio por estes dias. Com isso, todos os serviços prestados pelo órgão estadual na área de saúde estarão à disposição das unidades de serviço.



VOLTA A SERESTA.

COM ELA, A EMOÇÃO DOS VELHOS

Algumas pessoas ao saírem da missa das sete no domingo, dia 17, e vendo em volta do coreto da Praça Floriano Peixoto pararam; outros souberam do acontecimento pelo rádio ou através do jornal; alguns casais que passavam pela rua ou que desistiram de enfrentar a imensa fila do Marabá, onde passava "Romeu e Julieta", também se juntaram àquela gente para "ver o que ia acontecer".

Por volta das 19:30 horas o conjunto "Velhos Amigos do Luar" começou a seresta: choros, valsas, marchas-ranchos, canções e alguns sambas de Jair Rodrigues. Começava a "Noite de Seresta", uma promoção da Secretaria Municipal de Educação.

O CONJUNTO

O grupo que inaugurou a promoção se formou há 10 anos, mas apenas cinco dos nove músicos que integram o conjunto atual são ainda "daquele tempo", o restante foi aderindo e substituindo os que se afastaram. A maioria é de aposentados, outros trabalham durante o dia, e por

isso eles se reúnem duas vezes por semana na casa de um ou outro, para ensaiar e "bater um papinho".

"A gente toca de ouvido mesmo, — fala José Augusto de Lima, o líder do grupo — mas agora temos um professor de violão conosco. Temos um violonofone, dois acordeões, dois violões, um violino, pandeiro, afochê e surdo. Sabe, nós admiramos muito alguns conjuntos de cantores novos, mas sempre pendemos pro lado veterano." Passando a conversa para outro músico que, segundo os amigos "fala mais bonito", este continua: "Inclusive tem um porém na nossa carreira — foi a gente que sempre acompanhava Pedro Fávoro nos comícios. É como dizer que ele foi nosso padrinho. Além disso, nós fazemos também muitos trabalhos para instituições de caridade, mas tocamos mais por amor à arte que por qualquer outra coisa".

Eles se comparam à "Banda do Carlitos" considerando-a superior — "não pela qualidade, mas pelo nome que traz".

O ENCONTRO

O objetivo da secretaria da Educação e Cultura, com o encontro no coreto, seria uma espécie de motivação a fim de que novos valores ou mesmo músicos antigos aderissem ao movimento musical que pretende realizar em Jundiá. Foram convidadas as pessoas assistentes para que subissem e cantassem ou tocassem, mas ninguém se propôs a fazê-lo. Na praça estava o cantor jundiáense Armando Zampoli que esperava ansioso um violão que o acompanhasse: "Há três anos atrás, antes de eu parar, viajava muito, viajava muito por todos os cantos, cantando em vários conjuntos. Hoje era pra eu reviver um pouco, mas eles ficam prometendo e a gente chega aqui e não tem ninguém pra acompanhar".

A maior parte do público que permaneceu na praça durante a apresentação eram pessoas idosas. Alguns círculos de senhores com chapéu de palheta comentavam: "Ah! é uma beleza". Outros já começavam a bater o pé e a se mexer, meio que dançando, e quando o conjun-

to tocou "Branca" de Zequinha de Abreu, podia-se ouvir suspiros da platéia.

Durante uma das várias interrupções na apresentação, o vereador Auônio Tozzeto falou empolgadamente que enviaria uma carta ao Presidente da República a fim de que fosse instituído o "Dia da Seresta" em todo o Brasil. (Todos aplaudem).

O PRESENTE

"Nós saíamos da igreja, vimos o movimento e paramos, nem sei que vai passar só sei que não tem mais nada pra fazer e é muito cedo pra ir pra casa" — disse uma senhora acompanhada por uma amiga. Um casal, de braços dados, apreciava as músicas e preferiu não se identificar falou: "Ouvimos sobre os 'Velhos Amigos do Luar' no programa do Barbiéri, e como a gente gosta dessas coisas viemos até aqui. No meu tempo — continua o senhor — a gente fazia serenatas lindas, pois era a forma que a gente tinha para expressar o amor pela moça. Mas hoje isso nem é preciso — basta chegar e ir direto ao assunto. Além

do mais, se alguém for fazer serenata hoje em dia, tá arriscado a chegar a polícia e levar todo mundo pra cadeia, não é mesmo? Continuando, a esposa diz: "mas era gostoso. Hoje mesmo eu ainda prefiro ouvir valsas, tirando é lógico o Roberto Carlos. Talvez seja porque trazem recordações e seja melhor pra dançar".

No meio do público dona Ana Montes, que faz parte do Clube de Veteranos de Jundiá, assistia sózinha à apresentação: "Eu adoro isso, essas músicas, principalmente valsas com Francisco Petrólio. Fazendo parte do Clube até que a gente se movimenta bastante: viajo pelas cidades em volta, nos bailes promovidos para nós, e mesmo aqui em Jundiá temos bailes no Grémio que são uma beleza. Além disso, uma vez por mês nós fazemos piqueniques no Lago Azul, é bem divertido. Hoje eu ia assistir Romeu e Julieta, mas me lembrei do Coreto. Só é pena que aqui não tenha cantores, seria bom que a prefeitura trouxesse gente de fora, gente famosa. De música nova eu gosto, mas não

UM SERESTEIRO FALA DOS SEUS BONS TEMPOS. E TOPA RECOMEÇAR.

Que chances teria a seresta nos dias de hoje, quando os ouvidos dos jovens da mulher-amada estão vibrando com o som eletrônico das guitarras e dos tapes que ela pode curtir muito mais tranquilamente, a bordo do Maverick tala-larga do boy amado?

"Eu acho que uma garota se sentiria muito feliz, muito feliz ouvindo o namorado "ao vivo", acompanhando-se ao violão mesmo que mal tocado, mesmo que improvisado". A opinião é de um dos contrabaixistas da orquestra sinfônica da Pucc, mas irremediavelmente incurável seresteiro dos anos 50, Geraldo Calazans, 46 anos, pai de três garotos que vivem a música e instrumentos musicais desde que abriram o berreiro no mundo.

Crooner da Orquestra City Swing Jazz, a melhor da cidade na época, Geraldo Calazans fazia vibrar os corações dos namorados com sua imitação de Billy Ekstine ("I Apologize") ou em "Temptation", "I'm in the Mood for Love".

nos bailes e brincadeiras dançantes domingueiras, promovidas pelo Grêmio e pelo Clube Jundiense. Mas, fora do rigor dos arranjos musicais da orquestra, quem quisesse conviver com um músico de alma romântica e voz especial, teria que procurar pelas esquinas de ruas residenciais, altas horas da noite, onde Calazans e alguns amigos estavam fazendo serenatas para a namorada, a namorada dos amigos, as pessoas queridas, enfim, quem gostasse de acordar com o som de violões acompanhando "Baralho da Vida", "La Barca", ou músicas originais da autoria dos próprios seresteiros.

"Não suporto viver/sem seu amor/Não consigo o beijo seu/Quando vivia a meu lado/eu era bem feliz/Hoje estamos separados/foi você mesma quem quis". Samba-canção de Eurico Pinto. Muitas garotas dos anos 1950/56 abriram as janelas de seus quartos para ouvirem Calazans, Eurico, Ramon de Souza, Miroel Augusto dos Santos (o Leco), Décio Pradella, Átila Carlos, Henrique Augusto dedilhando violões ao ritmo de suaves percussões. Que garotas?

"Minha mulher Joana, Maria Helena Saes, Célia Frago, Mercedes Cruaães, Valdice Picchi, uma porção de outras, namoradas ou amigas que a gente curtia. E que curtiavam a gente". Falando desse tempo o aparentemente austero crioulo de cavanhaque já "pintando" se remoja. "Foi o melhor tempo da minha vida".

Como começou essa onda de seresta? Havia alguma tradição em Jundiá? Calazans responde: "Não, que eu me lembre não havia. Quem começou essa idéia de tocar para as garotas foi o Ramon. A gente se reunia num boteco, tomava umas e outras (ele não bebia quase nada), e partia pra casa das garotas. Quando não, a gente ia até a Festa da Uva, cujas instalações ainda estavam sendo construídas, e ficava ali fazendo música. Ou então ali na Senador Fonseca, num portãozinho em frente a casa da Dona Benta" (Dona Benta é mãe do Geraldo).

Calazans acredita que a juventude de hoje teria interesse pela serenata? "Claro. A moçada gosta de música. Às vezes, quando eu estou brincando com o violão, lá em casa, meus filhos ajudam a fazer música. Quando estão lá os amigos deles, a garotada curte os sambas-canções antigos".

ROMANCE E POLÍCIA

Mesmo supondo que a moçada tope fazer serenata, será que o policiamento, muito maior hoje, permitiria? E a vizinhança, muito mais neurotizada, toparia ouvir?

"Seria bom pedir autorização, já que a Prefeitura pensa em patrocinar a serenata. Mas, mesmo com a polícia, não há problema. No meu tempo eu cheguei a correr de polícia muitas vezes. Uma ocasião nós estávamos de Citroen preto, de um amigo de fora, fazendo serenatas por aí. Ali pela Rua Marechal, veio a polícia. O Citroen era uma bomba, não pegava fácil. E nós tivemos que empurrar o carro e sair às pressas perseguidos por um policial. Sorte é que o policial montava uma bicicleta".

UM PIANO AO LUAR

"Uma vez nós inventamos uma boa: fazer uma serenata pra Célia Frago, filha do coronel do G.O. 155, um homem com jeitão de brabo. Mas inventamos de levar um piano, em cima de um caminhão. O caminhão era do Décio Pradella. Quem tocava era o Toninho Pellicieri. Quando a gente estava no auge do samba-canção, alguém tenta abrir a janela da casa e a folha da veneziana (dessas basculantes) cai bem em aonde a gente estava. "É o pai da moça", gritou alguém. E foi a maior correria, caminhão e piano a toda pela Rua Achieta. Alguns dias depois, na Paulicéia, o coronel me pega pelo braço



Calazans: vidrado em seresta

pergunta se eu sou o Calazans (eu já tentando achar uma desculpa) e sorri: "Rapaz, que coisa linda vocês estavam tocando. Pena que a janela quebrou quando eu fui abrir".

ENDEREÇO ERRADO

Calazans conta outra serenata que fez, para sua então namorada, a mulher Joana. "Nós estávamos cantando a canção "Maria" (canta) "Maria, o teu nome principia, na palma da minha mão". A irmã da Joana que se chama Maria, achou que a serenata era pra ela, ficou toda feliz. Só que Joana conheceu o meu violão (quem cantava era o Henrique Augusto, também crooner da orquestra). Foi gozado".

Calazans toparia fazer serenata hoje, prestigiando o movimento que a secretaria de Educação está promovendo? "Claro, sou vidrado nisso, embora esteja meio grosso de violão". Calazans lamenta apenas que alguns dos velhos amigos já não estejam em Jundiá. "O Miroel hoje é pastor protestante e vive em São Paulo. Cara bacana o Leco. Fiz até um samba pra ele". Calazans procura entre muitos papéis e não encontra a letra do samba para Miroel. "Que pena, eu gostaria de publicar esse samba, pra que o Leco lesse, lá em São Paulo".

Enquanto procura, Calazans fala de outras serestas: "Na Vila Rio Branco, no bar do Levada, a gente fazia muito samba à noite. Zé Levada e Mário Bianchi no violão, eu no contrabaixo, Nardinho no cavaquinho, às vezes o Zé Coveiro em outro violão. Gente bacana. Quanta música a gente fez no bar do Levada". Mas nem sempre os seresteiros eram os mesmos. "Às vezes o Chuca, Alberto Madeira Filho, participava. A gente ia cantar pra namorada dele, a Maria Helena de Campos Saes. Mais tarde, o Wagner também ajudava, cantando canções italianas que estavam na onda. Uma vez, às seis da tarde, na Praça da Bandeira, fizemos a maior seresta pra alguém que não me lembro, e o Vidile cantou sambas e canções de Francisco Alves. Quando reparamos, estava cheio de gente ouvindo".

Mesmo depois de casado, Geraldo Calazans e seus companheiros ainda fizeram muita serenata, até meados de 1960. Era para amigos, pessoas que a gente gostava de lembrar e homenagear. Agora, já faz tempo que a gente não se reúne. Mas eu topo recomendar".

Calazans ainda estava procurando a tal letra do samba do Miroel, quando o repórter se despediu. Mas antes do dar partida no carro foi chamado pelo seresteiro: "Taqui a letra do samba". E entregou um pedaço de papel (mimeografado, de Retenção de Imposto de Renda na Fonte, datado de 1969) em cujo verso estava a letra do samba "Amigo Miroel".

"Quem canta samba de breque/mascando como um moleque/aborrecendo a Noel/não tem veia de sambista/e muito menos de artista/como tinha o Miroel./Cantava a "bossa" em cinquenta/juntava molho e pimenta/punha tempero legal/mas a vida intransigente/roubou o moço da gente/levou-o pra Capital".

TEMPOS.

a secretaria de Educação propunha: "Se eles querem que isso sirva de incentivo, chamando novos músicos e jovens, acho que vai parar nisso aí. Acho que os jovens têm outras idéias, na verdade preferem o rock e outras coisas, ao invés de ficar vendo ou tocando aí na praça".

Outro rapaz gostou e disse: "A impressão que eu tenho é que a praça tá mais alegre, veja só". Uma jovem com o namorado reclamava: "Eu vim aqui pra ouvir um belo de um choro, mas a coisa tá meio fraca, falta volume no som, e além disso eu acho que pra começar com esse tipo de promoção eles deveriam convidar alguém famoso como Altamiro Carrilho, Adelmilde Fonseca, ou outro qualquer pessoal desse que está tentando divulgar sua música e não deve estar cobrando cachês. Acho que falta a iniciativa de convidá-los. Você veja, o pessoal chega aqui vê um show cheio de falhas, da outra vez muita gente, tirando os velhinhos, vai deixar de vir, e isso não deve acontecer". (Lêda Cassins)

SILÊNCIO. OS CONTOS ESTÃO SENDO JULGADOS.

Senhores literatos, tremem. Eis que a Comissão Julgadora do I Concurso de Contos de Jundiaí, promovido por este irreverente haldomadário, já está formada. E os contos enviados já estão passando pelo seu severo crivo. Aguardem pois, pacientemente, para as próximas semanas, a divulgação do veredito. Ou seja: o resultado.

Dos critérios adotados para a constituição da Comissão Julgadora, o mais determinante talvez tenha sido o da finalidade dos convidados: com a Literatura. Desde uma afinidade puramente afetiva, até a afinidade engajada de alguns jurados que a praticam.

A Comissão Julgadora é esta:

Ivanira de Sousa Dadalt, professora, licenciada em Letras Clássicas pela USP, ex-professora da própria USP, do Mackenzie, do Colégio de Aplicação da USP, do GEVA. Atualmente é titular da cadeira de Português e Literatura do Colégio Estadual de 2.º grau. Professora Ana Pinto Duarte Paes. É entusiasta do concurso "porque incentiva e dá chance ao aparecimento de novos escritores".

Ivan Angelo, mineiro, jornalista (secretário de Redação do Jornal da

Tarde) e escritor. É autor do livro "A Festa", uma das obras de ficção mais aplaudidas pela crítica brasileira no ano passado, e também uma das mais vendidas. Aceitou fazer parte do juri porque é um sujeito que não sabe dizer não.

João Vasconcelos, professor, formado pela Faculdade de Letras da USP, pós graduado em Literatura Portuguesa; fez Linguística na PUC e Pedagogia na Faculdade de Farias Brito. É professor de 1.º e 2.º graus há 11 anos, e atualmente leciona na Escola Estadual de 1.º Grau Paulo Mendes Silva. Ele considera o concurso de contos "uma abertura muito importante", e só espera que "tenha continuidade".

Gilberto Mansur, jornalista. Era professor de Literatura Portuguesa em Belo Horizonte, quando resolveu mudar de vida e ser repórter. Atualmente é redator chefe da revista Status e crítico de Literatura da revista Isto é. Torcedor doente do Atlético Mineiro e estudioso profundo de Monteiro Lobato, divide com Ricardo Ramos e Ruben Fonseca o juri do II Concurso Nacional de Contos Eróticos da Revista Status. É um apaixonado rato de biblioteca, e aceitou ser mem-

bro do juri desde que não precise analisar contos em dia de jogo do Atlético Mineiro.

Luiza Silva Rocha Rafael, presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí, pintora e poetisa. Embora atarefada e com problemas de saúde, aceitou participar do juri. "porque quando se trata da arte não consigo dizer não".

Dr. Wolf Nossak, médico neurologista formado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP. Aceitou entrar para um juri de contos mesmo achando que não merece. Mas quem o conhece sabe de sua paixão desvairada pela literatura e seu senso crítico, adquirido pela imensa quantidade de livros que passou por seus olhos.

Sandro Vaia, ex-bancário, leitor assíduo, fanático e inveterado, jornalista, por contingência do esporte, atual Editor de Esportes do Jornal da Tarde, colaborador deste semanário. Ex-redator chefe do Jornal da Cidade, que nas circunstâncias atuais não quer dizer muita coisa. Estou na Comissão Julgadora como presidente, o que mais me espanta do que honra.

Eis aí a Comissão Julgadora. Aguarde os resultados (S.V.)

MAFIA DENUNCIA CAMPANHA CONTRA

O professor Hélio Maffia, diretor da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, e supervisor do departamento de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras, se defende das acusações contidas no artigo "Educação Física no banco de reserva", publicado na página 2 do Jornal de 2ª da semana passada:

— Em primeiro lugar, quero deixar bem claro que sou diretor de uma autarquia municipal, nomeado e com mandato de quatro anos, e só devo satisfações de meus atos ao Prefeito Municipal. Por essa razão, quando foi oficializado o meu desligamento da seleção brasileira, logo após a queda de Brandão, eu me apresentei ao novo prefeito municipal, sr. Pedro Fávoro, para colocar o meu cargo à disposição. Como eu fui nomeado por outro prefeito, sr. Ibis Cruz, achei que só poderia tomar essa atitude, para deixar o novo prefeito à vontade para decidir. É muito normal, aliás, que quando há troca de uma administração, as pessoas que exercem cargos de confiança coloquem seus cargos à disposição, porque o prefeito que assume tem todo o direito de formar a sua equipe. Por duas vezes conversei com o prefeito, por duas vezes coloquei o cargo à disposição, e ele me pediu para permanecer. Disse: "você é um homem de minha confiança". E eu pretendo exercer integralmente o meu mandato de quatro anos, a não ser que o prefeito, só ele e ninguém mais, decida em contrário.

O professor Maffia acha que existe uma espécie de campanha contra a faculdade, e responsabiliza por ela o atual secretário de Educação Cultura, Esportes e Turismo, Flávio D'Angieri.

— Agora mesmo - diz Maffia - o administrador do Ginásio de Esportes, cujo uso nos é cedido por lei, recebeu uma ordem do secretário para tirar as cortinas, os cinzeiros, os móveis que nós estamos usando. Não sei realmente qual é o motivo dessa campanha. Só sei de uma coisa: se eu fosse o supervisor do Juventus, de outro time pequeno qualquer, não seria visado. O problema é que sou Maffia, supervisor do Palmeiras, e tem gente que parece ter raiva disso.

O professor Maffia diz que não se inco-

modaria "se as críticas fossem dirigidas ao diretor da Faculdade, e não a mim, procurando atingir-me pessoalmente".

Ele diz que um diretor de Faculdade não precisa, obrigatoriamente, ficar em seu gabinete durante as 24 horas do dia. "O que é necessário - diz - é que ele faça bem o seu trabalho". E continua:

— As pessoas que criticam a Faculdade de Educação Física certamente não procuraram conhecê-la, saber como está funcionando. Nós temos 172 alunos, e um nível de ensino que é dos mais conceituados em todo o Estado. Talvez seja uma das escolas de Educação Física melhor equipadas e aparelhadas de todo o Estado. Temos um corpo docente de alto gabarito, formado por professores respeitados e de alto conceito. Os alunos pagam 10 prestações de 638 cruzeiros, o que talvez seja um dos preços mais baixos para escolas de nível superior. Com a dotação que nos é reservada pela Prefeitura (que este ano é de 800 mil cruzeiros) conseguimos fazer com que a Faculdade tenha uma superavit mensal. É pequeno, talvez por volta de 20 mil cruzeiros, mas esse dinheiro é investido em compra de equipamento técnico, material didático, livros especializados. Tudo para melhorar o nível de ensino.

— Quando o então prefeito Ibis Cruz me convidou para assumir esse cargo, em maio do ano passado, eu não queria aceitar. No fim, acabei aceitando por causa da insistência dele, e eu tinha como único intuito ajudar a minha cidade, colaborar com ela. Afinal, era mais uma escola superior que estava sendo criada, e minha intenção era apenas ajudar. Tenho outras ocupações, outros afazeres, e não seria por causa do dinheiro que eu iria aceitar o cargo. (O salário atual do diretor da Faculdade é de 8 mil cruzeiros N. da R.)

A Escola Superior de Educação Física de Jundiaí está entrando em seu quarto ano de funcionamento, já formou uma turma, e mantém um curso Superior de Educação Física, que forma professores, e dois cursos de Técnica Desportiva: futebol e basquetebol. Foi reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação na última quarta-feira, dia 20.



Sandro Vaia



Luiza Rafael



Wolf Nossak



João Vasconcelos



Ivanira Dadalt



O FUTEBOL, PAIXÃO E GLÓRIA, DE NOVO NOS CAMPOS DA CIDADE.

COMEÇARAM ONTEM OS CAMPEONATOS VARZEANO E AMADOR DA CIDADE. COM TODOS OS SEUS PROBLEMAS.

O que levaria mais de 50 homens, adultos e responsáveis, a se reunir na terça-feira da semana passada para discutir durante algumas horas, acaloradamente, com argumentos, recuos e avanços nas pretensões: Qual o motivo que os teria tido até uma sala apertada para tantos defenderem interesses de seus representados?

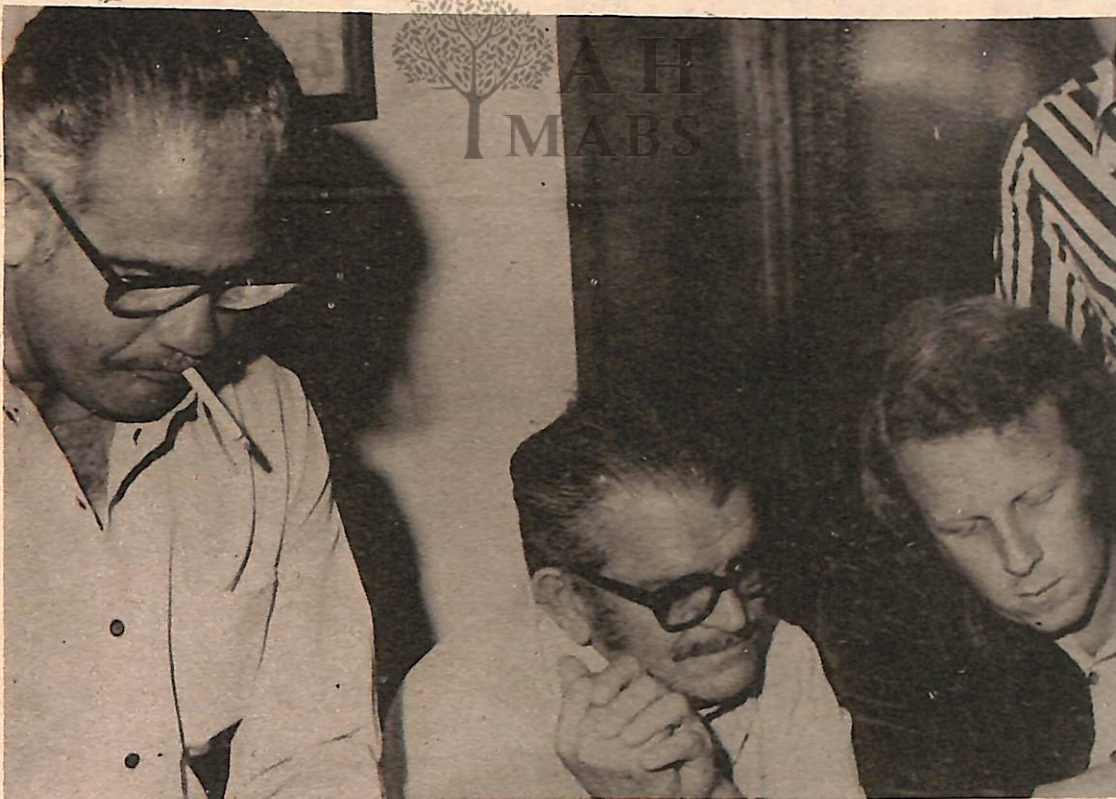
Não se tratava de política, apesar de algumas inevitáveis ligações, tampouco o assunto era sobre direitos humanos ou custo de vida. Simplesmente tratavam de futebol, o velho esporte bretão, a paixão incontornável de milhões de brasileiros, capaz das maiores comoções nacionais.

Na terça-feira aconteceu o sorteio das chaves para o início das temporadas de futebol amador e varzeano, na sede da Liga Jundiaíense de Futebol, instalada no Ginásio de Esportes "Nicolino de Luca". Lá estiveram os representantes de 33 clubes varzeanos e 10 amadores, para decidir como se desenvolveria os respectivos campeonatos neste ano, mais alguns atletas.

A tabela para o varzeano foi decidida rapidamente, sem grandes comoções por parte dos dirigentes esportivos. Mas, quando chegou o momento de resolver os problemas do amador, o presidente da Liga, Antonio Ovidio Bueno, teve que aturar os descontentes.

Inicialmente ele fez uma rápida explanação da situação em que se encontrava. A Prefeitura iria arcar com as despesas dos Juizes e dos representantes, mas os clubes teriam que pagar... Cr\$ 250,00 cada um por vez que usassem os campos do Primavera, e do Caxambu, já que o Dal Santo está em reforma. Os desentendimentos começaram aí.

Os protestos que os dirigentes dos clubes fizeram são facilmente compreensíveis. É sabido que o esporte amador em Jundiaí vive dias da mais absoluta penúria. Os clubes mais afortunados são mantidos por indústrias, outros sobrevivem



Na reunião da Liga, muitos presentes. Em pé, o presidente.

vendendo rifas e há os que tem como fonte de receita apenas as taxas sobre o jogo carteando que mantém em suas sedes.

E para todos eles, os Cr\$ 250,00 por clube para usar os campos é demais, pois têm de dar as mínimas condições aos jogadores para que eles possam correr atrás da bola. A condução, lanches, camisas lavadas e bolas dão uma considerável despesa.

Foi ouvido o representante do Caxambu, Jair Pessoto, que expôs as

pretensões do seu clube para participar. Ele disse que se a Liga precisasse, o Caxambu cederia o campo, desde que fosse paga a mesma taxa cobrada pelo Primavera. E ainda teria o direito de mando de jogo.

O irado representante do Passarin, Benedito Walter Ribeiro, logou mirou sua bateria nessa proposta, considerada esdrúxula. Os outros dirigentes, que até então estavam ocupados em criticar o atual prefeito por causa da situação, também dispararam uma sa-

raivada inclemente de protestos.

Também foi motivo de discussão o fato de que o campo do Caxambu não é fechado, com a proteção de alambrados, como exige a Federação. Mas, existem muro externos e para efeito de policiamento, o campo é fechado, havendo a possibilidade de se conseguir a proteção da Polícia para os árbitros.

Quando foi questionado quanto à possibilidade de uso do estádio "Jaime Cintra", o presidente Antonio Ovidio

Bueno falou que enviou um ofício à diretoria do Paulista, mas que não fôra respondido. Diante disso, os dirigentes tiveram que engulir a proposta do Caxambu, desde que o time também fosse jogar no campo do Primavera. Entre tudo isso, houve muita discussão.

Mas, no final, resolvendo democraticamente, chegou-se a todos os acordos. Serão disputadas duas séries, de onde sairão seis finalistas. O campeão irá representar Jundiaí no Campeonato Amador do Estado, devendo o certame se encerrar até o início de agosto.

A partir de ontem, foram iniciados os dois campeonatos, com os times: Comercial, Passarin, Pirulão, Estrela, Zaragata, Caxambu, Grenal, Primavera, Palmeiras, Bandeirante, Colorado e Jundiaí FC (amadores); Vila Rami, Brasa, Rio Branco, Ponte Preta, Teodoro Sampaio, Jardim do Lago, Bangu, Independente, Cruzeiro da Vila Maringá, Una, Estrela Nova, Unidos FC, EC Avenida, Transeielo, Continental, Santa Helena, Boa Vista, Caçula, 1.º de Maio, Alvorada, Operário, Grêmio, São Camilo, Náutico, Tarumã, Caxambu, Águia Negra, Moinho, Horto Florestal, AA Florestal, Cruzeiro da Vila Rio Branco e Olaria (varzeanos).

Com todos esses clubes, os campos, aos domingos, voltarão a ser frequentados por bravos rapazes, que suam suas camisas em busca das bolas. Como recompensa, apenas os gols e o sabor das vitórias (há também as indenunciáveis gorgostas, já que provar é praticamente impossível). E com a mesma disposição, estarão os dirigentes acompanhando. Como disse o presidente da Liga: "agora no começo tudo são rosas. Depois são os espinhos. Aí todos eles vêm reclamar na Liga de Juizes, bandeirinhas e outras coisas".

De qualquer forma, com todos os problemas que têm de enfrentar e as muitas queixas, todos os anos tudo se repete. Sobretudo, a valentia em busca das vitórias. (C.K.I.).



Millôr e Augusto Boal para sócios do gabinete

Contando agora com 20.350 títulos em sua biblioteca, o Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa" informa quais os livros mais procurados pelos sócios, durante o mês de março. Entre dez colocados, apenas três são de autores nacionais e não estão nas primeiras solicitações dos leitores. Como sempre, títulos que tiveram sua versão para filme continuam

tendo a preferência, além dos clássicos de Aghata Christie.

Estes são os dez mais solicitados: 1-) A Mulher Só, de Harold Robins; 2-) O Navegante, de Morris West; 3-) Todos os Homens do Presidente, de Bernstein e Woodward; 4-) A Profecia, de David Seltzer; 5-) Desenterrando o Passado, de Aghata Christie; 6-) A Ilha, de Fernando Moraes; 7-) Só o Ven-

to Sabe a Resposta, de J.M. Simmel; 8-) Esquadrão da Morte, de Hélio Bicudo; 9-) Na Rolança do Tempo, de Mário Lago; 10-) O Mistério do Trem Azul, de Aghata Christie.

Entre os 140 novos adquiridos em março pelo Gabinete estão dois que se constituem sucesso nas capitais: "Crônicas de Nuestra América" de Augusto Boal, e "Devo-

ra-me ou te decifro" de Millôr Fernandes. "Crônicas de Boal, é leitura obrigatória de quem ainda não conhece a genialidade do teatro-brasileiro.

Para ser sócio do GL "Ruy Barbosa" você paga apenas uma taxa de Cr\$ 70,00 e mensalidades de Cr\$ 20,00. Um excelente investimento.(E.M.)

Jornal do Livro



Em Paris, um rapaz de 30 anos procura um apartamento para alugar e consegue um que pertencera a uma moça. No dia seguinte em que ele se muda, a moça morre, e uma estranha festa dá início a uma sequência de fatos misteriosos. O resumo é do livro "O Inquilino", de Roland Topor, e que já foi mais conhecido por seus desenhos fantásticos e macabros (é cartunista). "O Inquilino" foi seu primeiro romance. Distribuidora Record, Cr\$38,00.

Novidades da Portugal: "O Grande Jogo", de Lopold Trepper, que conta suas memórias de chefe da Orquestra Vermelha, organização de espionagem do enredo de "Cabaret", "Funny Lady" e "Primavera de Uma Solteirona". Tradução de Tati Moraes, do original "Just Tell Me What You Want".

Pela Civilização Brasileira, foi lançada uma tradução de "Assim Falou Zaratustra", de Friedrich W. Nietzsche, feita por Mário da Silva. São 334 páginas, por Cr\$90,00.

"Terrenos ou Extraterrenos?" é o título do novo livro de Michel Grainer. Para o autor, os progressos científicos mais recentes fornecem argumento rigoroso para a hipótese teológica de uma possível "hibridação" entre deuses vindos do céu e as filhas do homem". É da Nova Fronteira, coleção "Caminhos Desconhecidos".

Entre na corrente da segurança.

Faça seu dinheiro crescer sempre mais!
Deposite agora na
Caderneta de Poupança Habitacional APE.

Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranquilidade.



Caderneta de Poupança Habitacional APE

Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

UM ÍNDIO E UM BOEING ESTÃO DE VOLTA, TENTANDO REPETIR OS LUCROS DE BILHETERIA.

A partir do dia 28, indo até o dia 10. de maio, entra em cartaz no Cine Marabá "Aeroporto 75" segundo filme inspirado no romance de Arthur Hailey. Entre os 22 astros "de renome internacional" que compõe o elenco de "Aeroporto 75" estão: Charlton Heston, Karen George Kennedy, Glória Swanson, Efrem Zymbalist Jr., Susan Clark, Dana Andrews e Mirna Loy.

O filme mostra as aflições da tripulação e dos passageiros de um Boeing 747, que choca-se contra um jatinho executivo em pleno ar. Piloto sugado para fora do Boeing, aeromoça seguindo instruções da torre para tentar pousar o avião, manobras de helicóptero para transplantar passageiros são os condimentos do filme, além de cenas feitas em aeroportos internacionais mostrando as operações das torres de controle.

"120 pessoas sem esperança de salvação... O piloto

to ferido, o co-piloto morto, e os picos fatais das montanhas a prenunciar morte" são algumas frases recomendadas pela distribuidora para os anúncios de "Aeroporto 75". Se você gostou de "O Aeroporto" vai gostar também desta continuação. Bem feito.

E, já que o assunto é continuação, o Cine Ipiranga também estreia, dia 28, "A Vingança do Homem Chamado Cavalo", estrelando o mesmo "Cavalo" do filme original ("Um Homem chamado Cavalo").

Richards Harris ("Cavalo") é John Morgan, um ex-índio que vive em Londres, onde fica sabendo que sua tribo Sioux está sendo escravizada por um rancheiro chamado Zenas Morro (Geoffrey Lewis), no Oeste americano.

Morgan vai prá lá, faz-se passar por um snob inglês que quer estudar a vida dos selvagens, entra em contato com seus irmãos pe-

les-vermelhas e se dispõe a libertar a tribo. Para vencer a indiada de suas intenções sérias, John "Cavalo" é obrigado a passar pelo ritual de bravura, coragem e resistência física. Segundo o folheto de propaganda, "A Vingança..." é um filme "visto pelos olhos dos índios americanos e não pelos olhos do homem branco". Se você tem olhos vermelhos, não perca. O filme é da United Artists, tem a direção de Irvin Kershner e conta com Gale Sondergaard, Bill Luckin e Henrique Lucero no elenco.

O PROGRAMA DA SEMANA

Cine Marabá, de 25 a 27: "Cinco dias de Conspiração" com Charles Bronson. Exibido desde a semana passada; de 28.4 a 1.5: "Aeroporto 75", dirigido por Jack Smight, produção da Universal em Panavision Technicolor.

Cine Ipiranga, dia 25: "O Marido Virgem", nacional. Dias 26 e 27: "Louca Es-

capada", com Goldie Hawn e Ben Johnson. Um casal foge da prisão, afim de tentar impedir que seu filho seja adotado. A direção é de Steven Spielberg, a produção de Zanuck/Brown. Panavision Technicolor. Dia 28.4 a 1.5: "A Vingança do Homem Chamado Cavalo", com Richard Harris e Gale Sondergaard. Panvision, De Luxe.



Richard Harris: outra vez "Cavalo".

Um guia para quem gosta de edições alternativas

Uma das edições mais recentes foi "Meia Sola", publicações de desenhos e quadrinhos que pode ser comprada pelo reembolso postal (Editora Cordel-Artes Visuais Ltda., rua Caraça, 411, Serra-30.000, Belo Horizonte, Minas Gerais, Caixa Postal, 2129). Inéditos, também de Belo Horizonte, já não circula mais preferiu esse destino a ser atingida pela censura prévia. Mas ainda há outras publicações da chamada "imprensa nanica" à sua escolha, treze das quais publicamos abaixo os endereços para os interessados:

BOCA (HQ do Brasil e de Angola) - Rua Alagoas, 903, 01000, São Paulo, SP.

CASA DE TOLERÂNCIA - Gibi de Quadrin e Texto, Rua Lourival Portela Natal, 23, 80000, Curitiba, Paraná.

CAMPUS - da ICEX - Campus da UFMG, 30.000, Belo Horizonte, Minas.

CORDEL 7 (Boletim Bimestral da Livro 7) - Rua 7 de Setembro, 318, Recife, Pernambuco.

CORREIO SUL MINEIRO - Jornal de Idéias, Informação e Cultura - Rua José Joaquim, 36, sala 10 - 37.500, Itajubá, Minas.

DE FATO (Jornal Mensal) - Avenida do Contorno, 2399 - 30.000, Belo Horizonte, Minas Gerais.

FORMA - Jornal de Cultura, Crítica, Liberdade e Política - Rua Cândido Drummond, 11 35.430, Ponte Nova, Minas.

HÁ GENTE - Jornal de Quadrinhos e Cartuns - Rua Barão de Itapetininga, 273/3 - Ed. Governador - 01042 - São Paulo, SP.

PACA TATU CUTIA NÃO - Folheto Literário - Rua Gerson Duarte Coelho, 227 - 38800, São Gotardo, Minas.

O PASSAGEIRO - Jornal Semanal - Rua Mármore, 253/5 - 30.000, Belo Horizonte, Minas.

TOTEM - Suplemento Cultural - Av. Astolfo Dutra, 247 36770, Cataguases, Minas.

VEREDAS - Revista de Letras e Artes - Travessa Antão de Souza Moura, 46 - 06000, Osasco, São Paulo.

VERSUS - Jornal de Aventuras, Idéias, Reportagens e Cultura - Rua Capote Valente, 376 - 05409 - São Paulo, SP.

JESSE JAMES É ASSASSINADO. E AÍ COMEÇA O FILME DO GENIAL FULLER.

EU MATEI JESSE JAMES (I SHOT JESSE JAMES) - filme americano de Samuel Fuller, música de Albert Glasser, fotografia de Ernest Miller; com Preston Foster, Barbar Britton, John Ireland, Reed Hadley.

O espectador de cinema tem ocasião em Paris de ver não apenas os novos filmes, como uma quantidade de retrospectivas e reprises. Isto lhe dá a oportunidade de avaliar até que ponto o tempo altera certas obras primas. Fritz Lang, por exemplo, não envelheceu, Murnau e Eisenstein também não. O mesmo não se pode dizer de certos filmes de Ford ou Hawks, cujo talento apesar de palpável não deixa margem de dúvidas: seus filmes pertencem antes de tudo à história, isto é, são quase incapazes de interpelar um espectador atual (mas há exceções, como "Seachers" de J. Fred ou o "Scarface" de Hawks).

Samuel Fuller parece, ao contrário, fazer parte deste grupo de cineastas que nos espantarão sempre, e nada melhor do que "Eu Matei Jesse James" para confirmar esta impressão. Embora seja seu primeiro filme (inédito na França até este ano), já ali se notam todas as virtudes que fariam dele um dos mais inventivos diretores de cinema de todos os tempos. Contando a história de Bob Ford, o amigo de Jesse James que o mata pelo amor de uma cantora com o objetivo de obter o indulto e casar-se, Fuller consegue não apenas romper com toda tradição do bang-bang como construir uma intriga onde as emoções do espectador são permanentemente questionadas.

Um homem assassina Jesse James. Não só isso: Jesse é seu melhor amigo e ele o mata pelas costas. Isso bastaria para dar um filme. Só Fuller vai mais longe: o assassinato não ocupa senão os primeiros minutos do espetáculo. Tudo se passa após a morte de Jesse James: como reage a população, como reage sua amada, como reagem seus rivais diante de um homem capaz de matar o melhor amigo pelas costas.

A partir disso constrói-se este anti-western perfeitamente genial, onde a ação nada-mais faz do que servir à emoção. A destacar algumas sequências antológicas: Bob Ford observa James que toma banho numa banheira. Suas costas. Ford percebe que está desarmado. Prepara-se para sair, avisando a James que breve voltará. James porém o retém. Pede-lhe que abra uma toalha colocada junto a banheira. Ford obedece. Dentro da toalha há um Colt 45, carregado. James remarca que, quando faz um presente, gosta que ele seja completo.

Ford hesita, não tem forças para atirar.

A noite, Ford faz mira sobre James. James o vê e o convida para jantar. Ford aceita. James, sua mulher, Ford, conversam. Ela teme que James seja assassinado, por causa da recompensa oferecida por sua cabeça. James responde que conhece os amigos. A mulher sai. James levanta-se. Arruma os quadros que tem na parede. Ford puxa a arma e atira. James cai ainda de costas. A mulher entra, junta-se ao corpo do marido, levanta o olhar para Bob Ford.

Mais tarde, Bob Ford trata de ganhar a vida representando seu feito. A cena repete-se realisticamente em um palco de teatro. Quando Jesse James volta-se para arrumar os quadros, Bob Ford levanta-se. A plateia espera. ele puxa o revólver. Ele hesita pela primeira vez. A plateia se emociona. Bob Ford não mata Jesse James.

Pouco depois, Bob Ford está em um saloon, quando um cantador entra com seu violão. Ford lhe oferece bebida. Agradecido, o cantador se oferece para cantar uma música "muito solicitada". Começa a contar a história do herói Jesse James, que roubava dos ricos para dar aos pobres, até ser morto pelo traidor Bob Ford. Nesse momento Ford o interrompe. O outro não entende. Ele se apresenta. O outro pede desculpas. Ford ordena-lhe que cante até o fim. O cantador tenta duas vezes, sem êxito, entoar as passagens em que classifica Bob como um desprezível traidor. Bob ordena-lhe outra vez que prossiga. O cantador segue até o fim. Até aí a cena se passa no rosto dos dois atores. Ao final, um plano médio os mostra de cima. O cantador espera a morte. Bob vai em sua direção. O outro recua. Bob prossegue, afasta-o, sai do saloon. Caminha solitário em frente ao bar, quando é subitamente alvejado. Responde. Pouco após cessam os tiros. Um garoto sai do esconderijo. Bob pergunta-lhe porque afinal ele o alveja. O garoto responde: "Você matou Jesse James. Quem te matar será célebre."

Estes momentos altos não destoam, no entanto, do restante do filme feito quase que exclusivamente de momentos altos, onde toda a expectativa criada seja por um gênero, por uma maneira de filmar, por um modo de estar entre as coisas, é constantemente surpreendida pelo olhar penetrante, surpreendente, desconcertante de Fuller, sem dúvida um dos poucos gênios que o cinema nos deu até hoje.

Inácio Araújo, de Paris, via Varig.

CAMPO NEUTRO

Declaração do diretor de futebol da CBD, André Richer, sobre a escolha da sede do torneio eliminatório a ser realizado entre Brasil, Bolívia e Peru:

"Quero que eles entendam que a grandeza é o Brasil ficar em segundo lugar no torneio. O Brasil ganha em qualquer lugar, então é melhor que seja no Rio, onde teremos grande público e grandes rendas. Além disso, temos no Maracanã totais condições de campo neutro".

Se eu entendi bem, o Richer vai tentar convencer bolivianos e peruanos de que a capital do Brasil é Buenos Aires. (AF)

IRRACIONALIZANDO

Levei mais de uma hora explicando a um amigo meu que "economia de divisas" não tem nada a ver com rebaixar os oficiais ao posto de cabo. (E.M.)



YELLOW WOODPECKER

Outro dia, assisti um capítulo do "Sítio do Picapau Amarelo".

Wow, that's production! (E.M.)



TESTE EXISTENCIAL

O que você preferia, ser: filho ou pai do deputado arenista José Bonifácio? (E.M.)

MADE IN BRAZIL

Primeiro, foi o rock rural. Agora, no pacote de carne-seca que comprei no Tonolli, estava lá: Jerked Beef.

Tá contente, Zé Rodrix? (E.M.)



TERRA RUBIÁCEA

Caso seja retirado o subsídio para os produtores, o café poderá ir a 150 paus o quilo, segundo notícias dos jornais.

Como, Zé Mané? O que você fará para tomar café? Ora, vá pro inferno, você e sua minoria comunista! (E.M.)



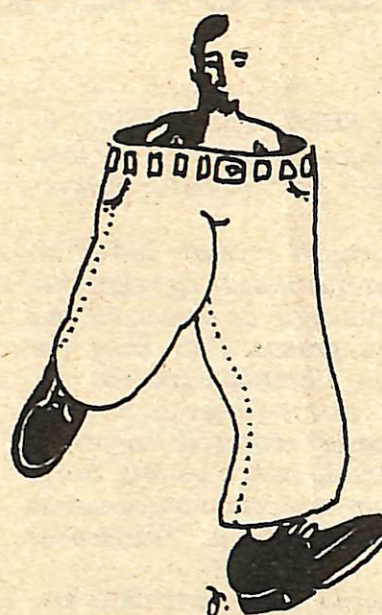
TEVÉ-DOIDO

Durante este anos John Leonard foi crítico de televisão do New York Times. Agora ele resolveu desistir e escreveu um artigo dizendo: "Ninguém nunca me advertiu de que eu seria obrigado a pensar. Durante sete anos, esta foi uma penosa descoberta. Escrevi sobre praticamente todos os assuntos que diariamente entram pela janelinha luminosa e barulhenta do aparelho. Discuti em letra de forma o que as pessoas comentam de viva voz na rua o tempo todo. E de que adiantou? O que somos nós numa sala que contenha um aparelho de tevê? Se nem ao menos percebemos que, se a televisão é um monstro na lagoa, ele está nos arrastando para o fundo e nem nos sentimos molhados. É a minha hora de parar de escrever sobre televisão. Agora quero me ver enquanto vejo televisão". E pensar que ele via diariamente os programas da NBC, CBS, ABC - as três grandes cadeias de tevê dos Estados Unidos. E se fosse obrigado a ver a Globo, a Tupi, a Gazeta? (S.V.)

UMUARAMA NEWS

Deu na Folha "O jornal A Gazeta de Umuarama, pertencente ao grupo Empel Engenharia e Comércio de Curitiba - rompeu com o prefeito João Cioni Neto, passando a atacar sua administração com matérias que ocupam manchetes de primeira página. O motivo do rompimento surgiu do não acordo entre a Prefeitura e proprietários do tri-semanário a respeito da verba mensal de publicidade. A Prefeitura vinha pagando 9 mil cruzeiros, mas a direção do jornal pediu 30 mil cruzeiros mensais. Em contraproposta, o prefeito se dispôs a pagar 12 mil cruzeiros mensais, todavia sem sucesso. No dia seguinte após o rompimento, o jornal falou sobre a poluição provocada por fossas negras, "sem que a administração do prefeito João Cioni Neto tome qualquer providência com a saúde pública e fazendo ouvidos moucos para a onda de protestos da população" (...) Não é a primeira vez que o jornal se volta contra um prefeito quando não recebe a verba pedida". Umuarama, hein? Posso estar enganado, mas acho que A Gazeta de Umuarama tem seguidores. Ou seriam precursores? (S.V.)

MPB - LEE



Estão dizendo aí que o Clube Jundiaense vai promover um show do MPB-4 ainda este mês. Estou com dó dos rapazes: eles vão ser barrados na portaria. É que costumam usar calça Lee. (S.V.)

PESSOA FÍSICA MOTORIZADA

A partir de segunda-feira, o Sandro Vaia está pagando dez paus pra ir e dez paus pra voltar da Capital.

Tudo leva a crer que suas crônicas, a partir da próxima semana, perderão o bom-humor.

Cuidai-vos, assessores! A tentai para o fato, Muchachos del Cuerpo Editorial! Li-vrai-me Deus. (E.M.)

QUESTÃO DE CANCHA

Durante quarenta minutos, o vereador Duílio Buzanelli toreou os apartes arenistas e do bipartidário Ercílio Carpi, defendendo o projeto de lei que visava o fechamento dos supermercados aos domingos.

"Esse sim, tem cancha," eram, os comentários na plateia, elogiando a habilidade de Buzanelli. (E.M.)

DEU NA FOLHA (I)

Em artigo publicado na Folha de S. Paulo (22.4.77), o coronel reformado, senador Jarbas Passarinho diz que "A tendência dos militares - depois de realizarem um saneamento nas instituições políticas civis - é de voltar aos quartéis".

Compreendo, compreendo. (E.M.)

MONÓLOGO

O ministro da Educação, Nei Braga, não permitirá perguntas, durante a exposição sobre educação que fará no Congresso Nacional.

A "ditadura da minoria" não gostou da decisão. (E.M.)

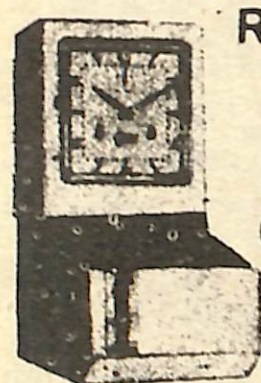
DEU NA FOLHA (II)

Na página de editoriais da Folha de S. Paulo (22.4.77), Alberto Dines comentou o Dia de Tiradentes:

"Não é só por casualidade que a morte de Tiradentes, bem como o episódio da Conjuração Mineira, tenham sido comemorados pelo Governo com tamanha má vontade. Na História do Brasil só contam os atos oficiais - Descoberta, Independência, República. O que foi feito ou tentado pelo povo não serve, não vale".

Dines vai em frente, e conclui:

"A História infelizmente é escrita pelos vencedores. Estes, nem sempre são as figuras melhores de cada episódio. Cumpre, portanto, uma revisão empenhada e profunda de nossas raízes. Como busca da verdade e reconhecamos, como passatempo - quando presente e futuro são controlados, resta somente o passado absorver nossa atenção" (Pela transcrição, E.M.)

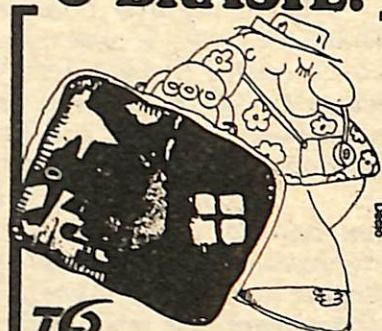


RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTD

BARÃO-427 FONE-6-8231

CONHEÇA O BRASIL.



TEX

Existem muitos roteiros para você escolher. Venha nos visitar, ou consulte-nos. TURISMO CHECHINATO Ltda. Rua Baronesa do Japi, 260. Fones: 436-7004 e 434-0562.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398,
434-6598 e 434-6798.

LEIA E ASSINE
O JORNAL DE 2a

Fone- 434-8648

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO



EM CÂMARA LENTA

20 de abril de 1977

"Chama a polícia pra esse cachorro!"

"Dinheiro, correu dinheiro!"

"Vá, salame. Depois vem pedir voto..."

Com essas e outras frases impubescíveis, as cerca de trinta pessoas que ainda estavam no auditório da Câmara de Vereadores, quarta-feira passada, protestavam pela última vez contra a atuação dos vereadores que rejeitaram o projeto-de-lei 3138, do prefeito, cuja aprovação obrigaria o fechamento dos supermercados aos domingos. Por 8 contra 7, o projeto foi rejeitado às 2 e quinze da madrugada do dia 21 de abril, depois de debates — talvez os mais enfiados da atual gestão — que começaram pouco antes das dez da noite do dia 20.

Quando a sessão foi iniciada, a casa estava lotada, com gente em pé. Eram funcionários de supermercados e donos de pequenas casas comerciais, dois grupos que se sentem prejudicados com o funcionamento dos "grandes" aos domingos.

A demora para a votação do projeto se deveu à manobra do MDB, que queria a aprovação, mas que sabia, de antemão, que a contagem final seria 8 a 7, devido à ausência do vereador Pedro Beagin (ele estaria em Limeira, acompanhando o time do São Paulo F.C. do qual é preparador físico). Com o voto de Beagin, esperado a qualquer instante, haveria empate de votos. O desempate seria dado pelo presidente Lázaro de Almeida, e seu voto seria favorável ao projeto. Daí a discussão ter sido levada até o extremo, na tentativa de se ganhar tempo para a chegada de Beagin, o que não aconteceu.

Os vereadores que mais se manifestaram contra o projeto foram José Rivelli (Arena) e Ercílio Carpi (do MDB votando contra a bancada), para quem foram endereçados os xingos da votação. Além deles, votaram contra: Auônio Tozzeto, Antônio Tavares, Elio Zillo, Henrique Franco, Jorge de Moura e Lázaro Dorta, todos da Arena.

Durante os debates, aconteceram frases as mais absurdas, principalmente por parte dos que eram contra. Zillo, tentando defender os grandes comerciantes disse: "Falam em tristes. Eu os desconheço". Ercílio Carpi disse que "o direito de comprar é uma legalidade conquistada e que faz parte da Declaração dos Direitos do Homem".

Erazé

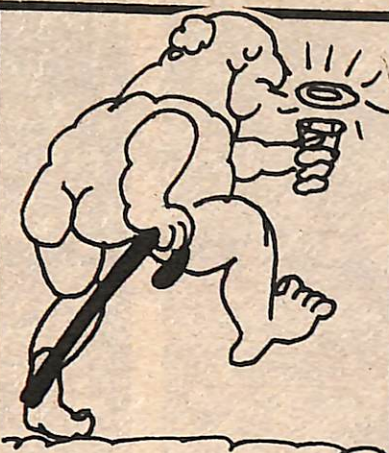
RETÍFICA

Na matéria do Paulista que saiu semana passada, o estúpido aqui escreveu que o Lula, é lateral direita. Tá errado. Ele é ponta direita (Kazuo)

DOIS MILHÕES PARA O ZOOLOGICO

Olhai, Hélio! A Prefeitura decidiu gastar dois milhões de cruzeiros em obras de remodelação no Zoológico, construindo seis alojamentos, um cabritário e uma área de lazer. Isso, sem falar na substituição de telas, pavimentação, pinturas e restauração hidráulica. Tudo deve ficar pronto até junho, segundo informa um certo jornal.

Só podemos aplaudir essa medida que, antes de tudo, visa a dar um pouco de recreação ao povo. Parabéns, Prefeitura do Rio de Janeiro! (AF)



OFF SET DO OUTRO MUNDO

Depois da loira fantasma, a bica de água milagrosa.

Pelo jeito, o "Jornal da Cidade" está, mesmo, tentando a conquista do prêmio Esso de Metafísica. (E.M.)

BOLA FORA

Saiu no Jornal da Tarde (14/4) o supervisor de futebol do Palmeiras, Hélio Maffia, dando uma prensa no repórter chileno que causou uma certa confusão com algumas declarações do jogador Mario Soto, dias atrás, saiu com esta frase:

— Acho que precisamos dar um telefonema para o Allende...

Não seria tentar um contato mediúnico, Maffia? (AF)

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

**OMELHOR RODÍZIO
A 80 KM POR HORA
RESTAURANTE VIDEIRA**
VIA ANHANGUERA, KM 65



MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial — JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086
SÃO PAULO **CAMPINAS**
Filial Matriz
Fones: 31-3403 e 31-4303 - Fones 227-0419 e 227-0453

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA

RIGH-LITE as lentes para altas miopias, com menor espessura e menor peso, do que a lente comum. Deixando seus óculos com a melhor aparência, sempre oferecendo a você uma melhor auto-imagem.

Agora também nas cores:
RAY BAN 50 e COR DE ROSA.
RUA BARÃO DE JUNDIAÍ, 1012
Fones: 434-7363 — 434-4351

O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE



TREMEI, INIMIGOS SHELTOX VEM AÍ

Recado do nosso bom amigo Nelson Chiosorin aos inimigos (Jornal de Jundiaí, 16/4):

"Críticos são como insetos: eles nos mordem não porque nos queiram fazer sofrer, mas porque precisam de nosso sangue para viver".

O Chiosora não citou a fonte (teira sido Ney Matogrosso o autor?) mas isso não vem ao caso. O que eu queria dizer a ele é o seguinte: nem sempre Chiosora, nem sempre. As vezes, os críticos descem o pau porque o cara é ruim mesmo. (AF)



TERRA DA PECHINCHA

Em entrevista a um telejornal, o presidente do Instituto Brasileiro do Café, IBC, disse que o brasileiro ainda é o povo que paga um dos menores preços do café.

Como, Zé Mané? Qual o salário mínimo nos outros países? Ora, vá pro inferno, você e sua minoria comunista! (E.M.)



**AÇOUGUE E CASA DE
CARNES MARCIO
CACEZES**
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicilio
Fone- 436-4880

NOVIDADE /
Charme
CALÇADO /
RODÁRIO 626

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 — tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1367, 434-1777

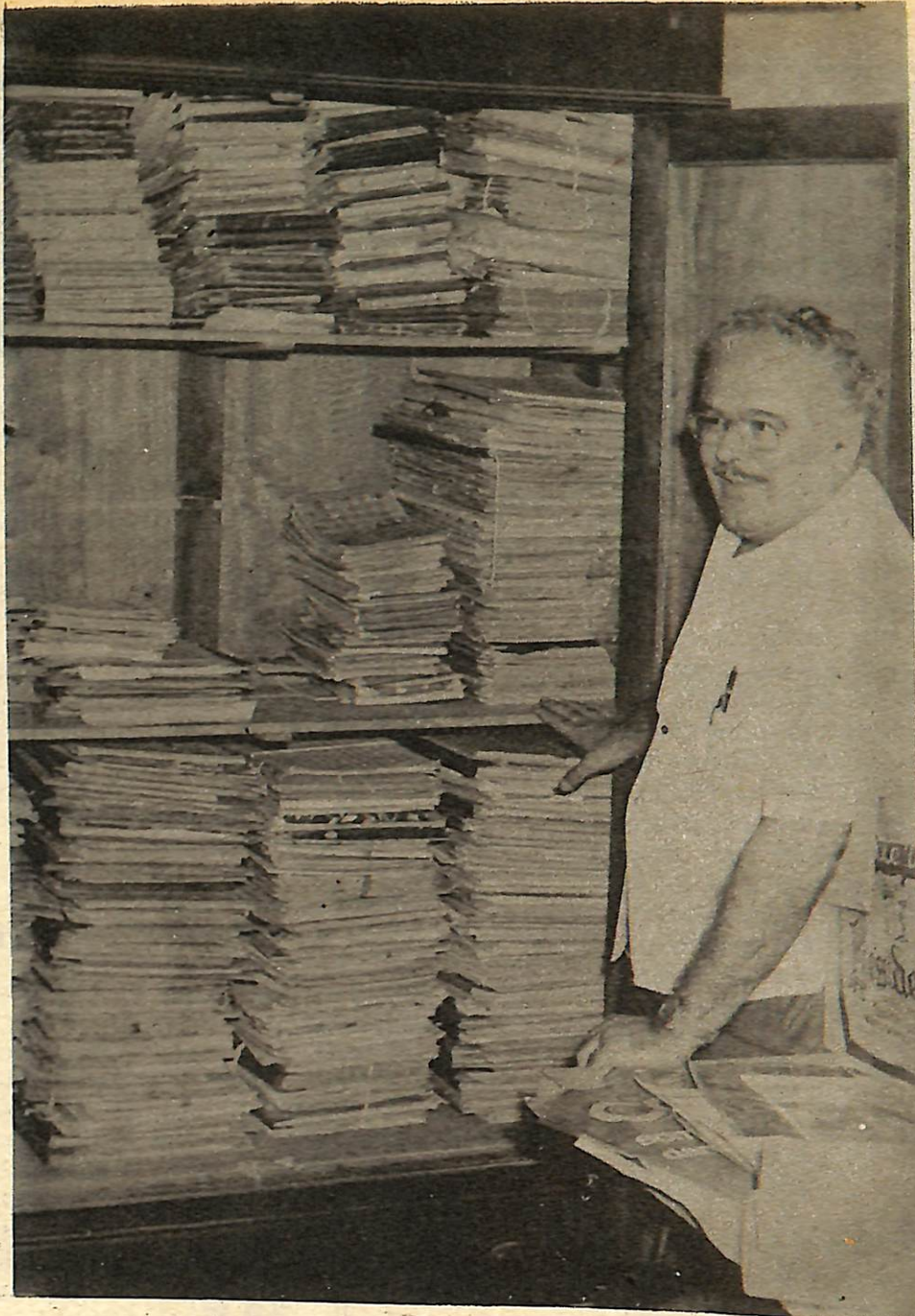
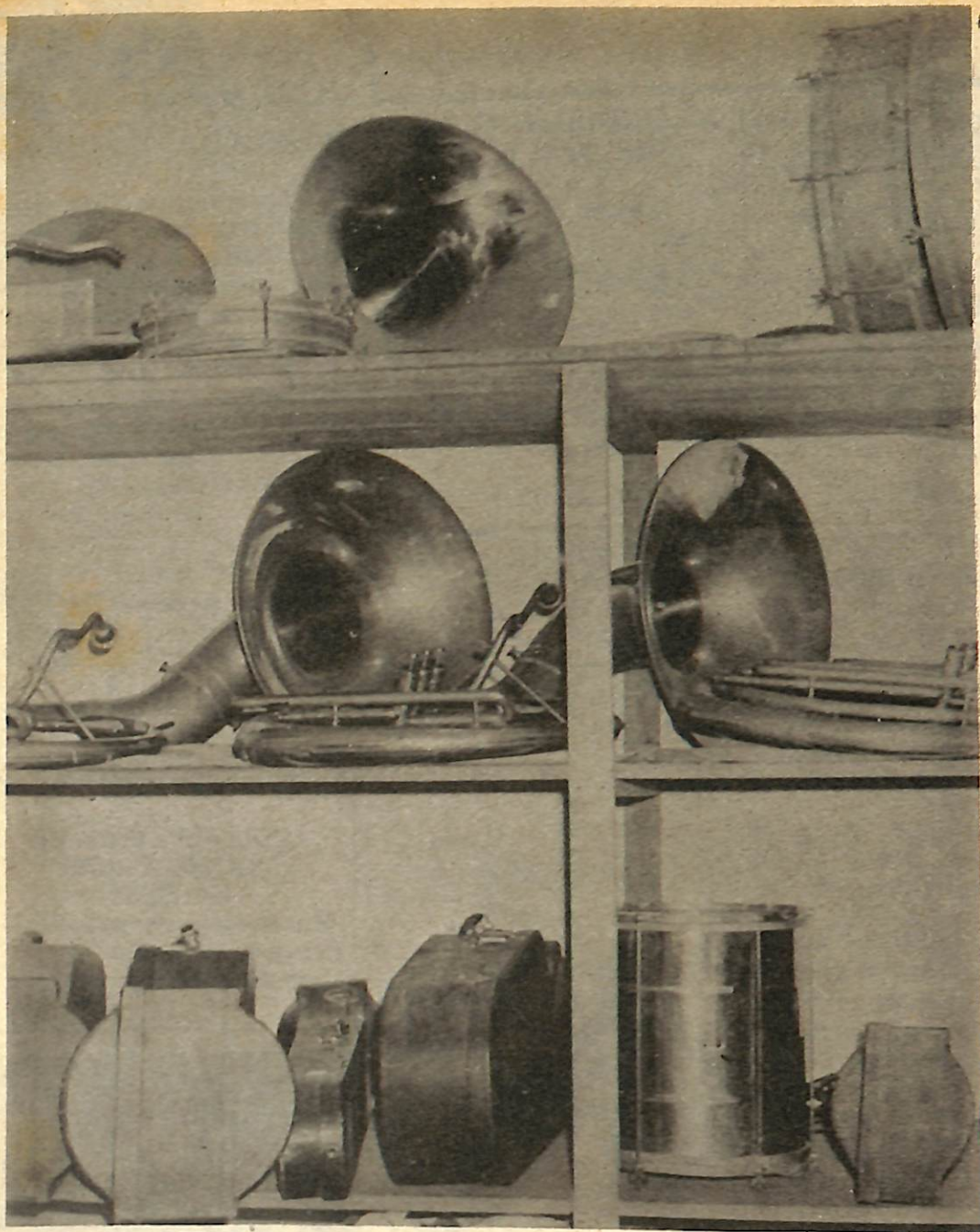
UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1066, 434-1068



Os velhos instrumentos da União Brasileira poderão silenciar. E as muitas partituras, que o Ariovaldo Antikeira mostra, estão condenadas?

AS BANDAS ESTÃO MORRENDO

Justamente quando a Secretaria da Educação está empenhada em fazer reviver as serestas, as duas bandas da cidade — União Brasileira e São João — estão às voltas com problemas de sobrevivência. Um paradoxo, sem dúvida, mas também mais um sintoma da política de contenção de despesas da Prefeitura.

O diretor musical da União Brasileira, Ariovaldo Antikeira, não está vislumbrando muita luz para sua banda. Ele, que toca piston e é auxiliar do maestro, está muito preocupado com o destino da corporação musical que completa, no dia 13 do mês que vem, 59 anos de fundação.

Durante a administração passada, naquele dilúvio de dinheiro público, a União Brasileira recebia Cr\$20 mil por mês, sendo obrigada a fazer quatro apresentações. Com mais Cr\$ 5 mil que a sociedade fornecia para a manutenção da banda, era possível, com uma pequena folga, manter também a escola gratuita de música, que hoje conta com 151 alunos.

Na nova administração, a banda passou a receber Cr\$ 8 mil por serviço. Não haveria problema, caso os 38 músicos e o maestro trabalhassem quatro ou cinco vezes por mês, o que não acontece e, provavelmente, jamais ocorrerá com a atual política de contenção da verba.

Antikeira, com um ar desolado, falou que está em perigo o futuro da corporação:

— Se continuar assim os músicos vão desanimando. A sociedade é pobre, não pode sustentar a banda, que depende do Poder Público. Eu tinha até pensado em ir em 8 ou 9 indústrias

para pedir um auxílio mensal, em troca faríamos exibições para os

operários. Mas eu não sei, a indústria parece que não está muito bem e acho que só iria conseguir um “não”.

Mas não se trata apenas de problemas financeiros o fato de tornar essa tradição (em situação difícil). Há uma falta muito grande de músicos. Justamente para isso é que funciona a escola, que tem cerca de 40 garotos aprendendo a tocar instrumentos de banda. E que futuro eles terão se o próprio estudo está ameaçado?

Os custos para manter o professor o material de ensino são grandes demais para a sociedade manter, já que não é cobrada taxa nenhuma dos alunos, sejam sócios ou não. Além disso, pode-se aprender outros instrumentos que não sejam utilizados na banda, como violão, bateria, sax.

— Nós tínhamos alguns planos — conta Antikeira — para a escola funcionar melhor. Conseguimos um piano ótimo, mas que estava com uma teca quebrada. A gente ia mandar consertar, mas houve essa diminuição da verba e não deu para fazer ainda. Algumas pessoas nos criticam porque temos muitos alunos de violão. Elas não sabem que o violão e o piano são os instrumentos que dispõem de todos os acordes. Um músico que toca qualquer um desses instrumentos quando for aprender outros será mais fácil.

Apesar de todos esses problemas, Antikeira não pretende deixar cair a batuta. Ele se sente constrangido em admitir que o melhor músico ganha Cr\$ 600,00 por mês, mas acha que

todos devem continuar, pois “se a gente não se arrumar, a banda acaba”. E o grande perigo é o êxodo dos músicos para outras cidades.

Para ele, que há mais de trinta anos lida com partituras na União Brasileira, seria imperdoável o Poder Público deixar a corporação morrer à míngua. “Estava sendo pensado — disse — no Cr\$ 1 milhão que a prefeitura destinou ao esporte amador. Ora, se é esporte é cultura, a música é cultura e arte”.

Enquanto a banda toca trêmulos acordes diante da situação difícil em que se encontra, alguns planos estão engavetados. Um deles é a gravação de uma fita para enviar a alguns programas de rádio para a divulgação da corporação.

SÃO JOÃO

A Banda São João Batista, que reiniciou suas atividades há cerca de dois anos, também corre o risco de emudecer novamente seus instrumentos. O presidente Moacir Marcelo, disse que “é um pouco apertado, mas dá para se manter. No ano passado, recebíamos Cr\$ 3 mil por serviço, agora aumentou para Cr\$7 mil. Só que a prefeitura chama muito menos vezes”.

Com 35 músicos, essa banda sobrevive praticamente às custas de “uns 60 abnegados”, como disse o presidente. Mas ele é condescendente com relação à Prefeitura, pois acha que “o corte de verba deve ser geral”.

Com todas as dificuldades, no entanto, existem projetos para o futuro, agora um tanto nebuloso. A cons-

trução de uma sede própria é um deles, já que os ensaios são feitos na sede do Clube Recreativo São João, que cede suas dependências gratuitamente. Assim que tenha uma sede, a banda pretende instalar uma escola de música.

Para que outra escola? Moacir diz que Jundiá está carente de músicos. Com um sorriso conformado, acrescenta que a cidade só tem 4 baixos atualmente. Se um deles morrer, não será possível haver duas bandas, que exigem pelo menos dois baixos.

Tanto a banda União Brasileira quanto a São João têm promessas de políticos para a renovação de seus instrumentos. Mas até agora nada receberam. Mas ambas não estão dispostas a fechar suas partituras, já que o abandono por parte do Poder Público não é algo inédito em suas existências.

É claro que houve, nos últimos tempos, um desinteresse por esse tipo de conjunto musical, principalmente em Jundiá. Com poucos recursos para novas fardas, instrumentos velhos e carência de músicos, seus responsáveis vão insistir em executar seus dobrados, valsas, polcas, chorinhos, hinos e música popular. Até que a frágil estrutura financeira das bandas não mais permita a execução das músicas. Quando isso acontecer, não faltarão os protestos dos homens públicos, que bradarão do alto de seus postos, serem contra a morte das corporações. Mas agora, aparentemente todos assistem, impassíveis, essa arte morrer pouco a pouco. (Carlos Kazuo Inoue)